

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO - ESAT
PROGRAMA DE PÓSGRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
CIÊNCIAS HUMANAS - PPGICH
MESTRADO ACADÊMICO**

MAICKSON DOS SANTOS SERRÃO

**O FAZER PAVULAGEM: MUITO MAIS QUE UM PODCAST, UMA
TECEDURA DE HISTÓRIAS DE ENCANTADO[S] A PARTIR DE UMA
PERSPECTIVA AUTOETNOGRÁFICA**

MANAUS - AM

2024

Maickson dos Santos Serrão

**O FAZER PAVULAGEM: MUITO MAIS QUE UM PODCAST, UMA
TECEDURA DE HISTÓRIAS DE ENCANTADO[S] A PARTIR DE UMA
PERSPECTIVA AUTOETNOGRÁFICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Linha de Pesquisa: Etnografias de experiências de comunicação popular, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo

MANAUS - AM

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S487f

Serrão, Maickson dos Santos

O fazer Pavulagem: muito mais que um podcast, uma tecedura de histórias de Encantado[s] a partir de uma perspectiva autoetnográfica / Maickson dos Santos Serrão . Manaus : [s.n], 2024.

104 f. : ; 21,0 cm.

Dissertação - Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas-
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.

Inclui Bibliografia.

Orientador: Guilherme Gitahy de Figueiredo.

1. Pavulagem. 2. Histórias. 3. Floresta. 4. Encantados. 5. Método. I. Guilherme Gitahy de Figueiredo (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)168.522(043.3)

Maickson dos Santos Serrão

**O FAZER PAVULAGEM: MUITO MAIS QUE UM PODCAST, UMA
TECEDURA DE HISTÓRIAS DE ENCANTARIAS E DO CONTADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Linha de Pesquisa: Etnografias de experiências de comunicação popular, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Humanas.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo

Prof. Dr. Cassio Cunha Soares

Prof. Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço às forças divinas e aos encantados pelo existir. Não tenho religião, mas acredito que forças que não podemos explicar nos acompanham no dia a dia.

À minha família, em especial a minha mãe que sempre me incentivou a estudar. Dona Rosicleia Serrão, esse legado é seu. Obrigado ao meu padrao Charles Lameira e aos meus irmãos Rick, Rodrigo e Charliane que sempre estão ao meu lado.

Agradeço também aos meus amigos, alguns mais próximos, outros nem tanto, mas que acompanharam essa jornada e que sempre ouviam que eu precisava abrir mão de alguns encontros para me dedicar à pesquisa.

Obrigado aos meus colegas de trabalho da Secretaria de Educação do Amazonas, em especial a professora Kátia Mendes, Hellen Matute e Luciano Ramos pelo apoio e incentivo.

Aos meus colegas de mestrado, foi bom trilhar essa caminhada com vocês. O apoio de cada um foi fundamental para que pudéssemos seguir adiante.

E um agradecimento especial ao meu orientador Guilherme Gitahy, obrigado pela paciência, pelos ensinamentos, pelo carinho, enfim, por tudo. Sou um grande admirador do seu trabalho e foi uma honra ter a sua companhia na academia.

Por fim, agradeço aos contadores de histórias que compartilham verdadeiros tesouros a partir de suas narrativas e a todos os ouvintes que fazem o meu trabalho fazer sentido.

Dedico esse trabalho
à minha vó Zoraide Serrão (in memoriam)
Ter o privilégio de tê-la como vó foi uma grande honra.
Que eu possa honrar a sua memória!

“Os fantasmas dos antigos xamãs e seus espíritos maléficos já começaram a se vingar em terras distantes, provocando secas e inundações constantes. Os espíritos do céu, *Hutukarari*, do vendaval, *Yariporari*, do sol, *Mothokari*, da chuva, *Maari*, dos raios, *Yāpirari*, dos trovões, *Yārimari*, e do caos, *Xiwāriipo*, estão furiosos com os brancos que maltratam a floresta. Assim é. A floresta é inteligente, ela tem um pensamento igual ao nosso. Por isso ela sabe como se defender, com seus *xapiri* e seus seres maléficos. Ela só não retorna ao caos porque alguns xamãs ainda fazem dançar seus espíritos para protegê-la, Mas hoje em dia, como eu disse, há nela cada vez mais *xapiri* furiosos, conforme seus pais vão sendo devorados pela epidemia *Xawara*. Por enquanto, os espíritos dos xamãs vivos ainda estão conseguindo contê-los. Mas sem o trabalho deles, a floresta e o céu não vão mais conseguir ficar muito tempo no lugar e continuar silenciosos e tranquilos como estamos vendo agora!” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, pp. 496-497).

RESUMO

O que começou com a simples pretensão de resgatar e amplificar as histórias dos seres encantados da floresta Amazônica, ganhou outras proporções. Um jovem indígena que cresceu ouvindo histórias, mas ao sair do território percebe que essas histórias estão morrendo e a partir de então cria um podcast chamado Pavulagem apresentando narrativas a partir dos verdadeiros protagonistas: os contadores de histórias indígenas e ribeirinhos da Amazônia. A consequência desse trabalho leva o jovem a alcançar espaços e lugares difíceis de serem ocupados, considerando a sua origem. Nesse estudo, a histórias dos encantados se entrelaça com a história do encantado. Um capim como todos os outros, porém que sempre se viu como um pau d'arco florido. Encantado aqui no sentido que se deixou arrebatado ou seduzir pelas histórias dos Encantados da floresta. Descrever o fazer do Pavulagem vai além da tecnologia do podcast e dos métodos da comunicação, é apresentar a tecnologia ancestral no contar histórias, apresentando os bastidores que só pode ser "visto" pelo olhar de quem viveu cada momento de intimidade relatado nas palavras e nos demais elementos que compõem a experiência junto dos ribeirinhos e indígenas na contação de histórias. É o processo de se enxergar como contador.

Palavras chave: Pavulagem; histórias; floresta; encantados; método;

ABSTRACT

What began with the simple intention of rescuing and amplifying the stories of the enchanted beings of the Amazon rainforest has taken on new proportions. A young indigenous man who grew up listening to stories, but upon leaving the territory realizes that these stories are dying, then creates a podcast called Pavulagem, presenting narratives from the real protagonists: the indigenous and riverside storytellers of the Amazon. The result of this work is that young people can reach spaces and places that are difficult to occupy, given their origins. In this study, the stories of the enchanted are interwoven with the story of the enchanted. A grass like all the others, but one that has always seen itself as a flowering pau d'arco. Enchanted here in the sense of having been carried away or seduced by the stories of the forest's Enchanted Ones. Describing Pavulagem's work goes beyond the technology of the podcast and the methods of communication; it presents the ancestral technology of storytelling, showing the backstage that can only be "seen" through the eyes of those who have lived each moment of intimacy recounted in the words and other elements that make up the experience of storytelling with the river dwellers and indigenous people. It's the process of seeing yourself as a storyteller.

Key words: Pavulagem; stories; forest; enchanted; method;

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	10
<i>Parte I</i>	10
<i>Parte II</i>	20
<i>Capítulo 01 - O “porquê” de contar nossas histórias</i>	31
<i>[R]existência</i>	35
<i>Demarcando Telas</i>	38
<i>Dever de memória</i>	41
<i>Capítulo 02: O método de fazer o Pavulagem</i>	45
<i>Mídia ideal para cada história</i>	46
<i>Quem faz o Pavulagem</i>	49
<i>Os verdadeiros Protagonistas</i>	51
<i>Seleção das Histórias</i>	61
<i>Diário de Bordo</i>	62
<i>Parte técnica e pós produção</i>	63
<i>Trilhas da Pavulagem</i>	64
<i>Capítulo 03 - Trajetória do Pavulagem</i>	69
<i>Demarcando territórios</i>	78
<i>Putava: o nosso jeito de “devolver” as conquistas com “os nossos”</i>	89
<i>Considerações Finais</i>	98
<i>Referências</i>	101

INTRODUÇÃO

Parte I

Antes de começar, eu preciso pedir licença. Para colocar o pé nesse espaço. Peço licença porque os meus ancestrais e os contadores me ensinaram a sempre respeitar os lugares que estamos adentrando. Lembro de uma contadora que me disse: “se tu vais para a casa do vizinho, você pede licença, você chama na frente e pede licença. Então, na hora que você sair de sua casa e for para dentro da mata, peça licença para ela, converse com ela porque ela tem mãe”. (Entrevista com Margareth Chaves, 12/03/2023)

Assim, como pedimos licença para entrar na floresta, para entrar nos rios, nos lugares sagrados, na casa de um vizinho ou parente, na academia não pode ser diferente.

No dicionário Papa Xibé do Baixo Amazonas¹, Pavulagem: *é a qualidade do pávulo, que é uma pessoa orgulhosa, metida, gabola, que conta grandeza, que se acha o maior e gosta de se gabar. No popular, é alguém "cheio de frescura". A gente desconfia logo que o cara é um pávulo quando ele conta uma história muito enfeitada e a gente sabe que é mentira. Nesse caso, podemos dizer a ele ou a ela: "Tu já vens com a tua pavulagem!" ou "Ah, deixa de pavulagem!". A origem mais distante da palavra se encontra no Latim "Pabulu" [lê-se "pábulo"], que quer dizer pasto, capim. Ou seja, o pávulo quer ser o que ele não é; a pessoa pávula é da terra, é capim, é comum como os outros, mas acha que é um pau-d'arco cheio de flores ou uma castanheira, mais alta do que as outras árvores. É possível ainda que pávulo venha de "pavão" ou do verbo pavonear, se encher todo, gabar-se a si mesmo".*

Mas depois a gente volta para a Pavulagem. Vocês vão entender, eu espero.

¹ O Dicionário Papa-Xibé do Baixo é um esboço preparado pelo Prof. Dr. Frei Florêncio ao Programa “A Hora do Xibé”, veiculado pela Rádio Rural de Santarém a partir do ano de 2007, atualmente o programa deixou de existir na emissora. Os termos e expressões, a exemplo da palavra Pavulagem, foram organizados ou compilados pelo autor, a partir da sua vivência e pesquisas na região do Baixo Amazonas e da leitura de outras obras.

Eu sou de uma comunidade que fica às margens do rio Tapajós: vila de Boim. Faz parte da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns, município de Santarém, na Amazônia Paraense.

Vila de Boim é uma antiga terra dos Tupinambás. Possui cerca de dois mil habitantes que vivem, em sua maioria, do extrativismo e da agricultura familiar.



Figura 1- Vista aérea da Vila de Boim durante a estiagem de 2023 - Foto: Arquivo Pessoal.

Segundo Cohen (2012) a “fundação” da vila de Boim remonta a 1690, quando uma expedição liderada pelo Padre Antônio da Fonseca desembarcou na Aldeia dos índigenas Tupinambás. Após celebrar uma missa, o Padre

Antônio da Fonseca estabeleceu uma das missões da Companhia de Jesus, denominada "Aldeia de Santo Inácio de Loyola". Após 68 anos de colonização, a Aldeia de Santo Inácio de Loyola progrediu significativamente. Em 1755, o Governador do Grão-Pará, Mendonça Furtado, implementou uma lei que convertia as aldeias missionadas pelos jesuítas em vilas. A aldeia foi selecionada para ser elevada à categoria de vila. Durante sua viagem ao Tapajós, Mendonça Furtado conferiu oficialmente o título de Vila à aldeia em 9 de março de 1758. Cumprindo as ordens do Marquês de Pombal, que buscava transformar a Amazônia em uma "Nova Lusitânia", Mendonça Furtado substituiu os nomes nativos por denominações portuguesas, e a aldeia passou a ser chamada de "Vila de Boim", homenageando a aldeia do Conselho do Bispado do O Porto, em Portugal.

A Vila de Boim é uma das poucas na região com relatos populares do século XVII, enquanto outras localidades se limitam a registros do século passado, raramente mencionando as populações indígenas. Os vestígios arqueológicos encontrados nas "terras pretas"² indicam a presença dos primeiros habitantes.

De acordo com registros disponíveis e memórias populares, os indígenas Tupinambás, Tupaius e Tapajós habitavam a região na chegada dos portugueses. A convivência com os colonizadores foi desafiadora, com as culturas sendo imposta aos nativos.

Ao longo da história, a Vila de Boim desempenhou um papel crucial como ponto comercial e entreposto de trocas de produtos. Durante ciclo da borracha, a Vila experimentou uma grande efervescência, atraindo famílias estrangeiras e de outras regiões do Brasil.

O povo boinense carrega na memória e no sangue a herança de um passado de misturas culturais, sendo conhecido por suas histórias curiosas e sua hospitalidade.

² Segundo a EMBRAPA, as Terras Pretas são sítios arqueológicos encontrados, principalmente, na Amazônia. São considerados entre os solos mais férteis do mundo. Têm sua origem relacionada a povos ancestrais pré-colombianos.

E para chegar em Boim, só tem um jeito: é preciso pegar um barco que só tem três vezes na semana saindo de Santarém, no Pará. São cerca de dez horas de viagem com vista para aquela imensidão linda do Rio Tapajós. Atualmente, o valor da passagem é de sessenta reais, o que se torna um valor alto para muitas famílias que viajam somente em caso de extrema necessidade para a sede do município.

Até outro dia, a vila de Boim, só tinha três horas de energia elétrica por noite. Quando eu era criança, muitas vezes nem isso tinha.

Em Boim quase todas as noites eu ouvia muitas histórias. Era meu momento especial. Luz de uma lamparina, café quentinho e as histórias mágicas da Tia Maurícia, a melhor contadora de história para mim. É prazeroso até lembrar.

A tia Maurícia é minha tia avó. Irmã da minha avó materna, uma senhora bem peculiar. Não era de demonstrar muito carinho no tato, mas, hoje percebo que ela demonstrava esse afeto no contar histórias. Era de uma minuciosidade incomparável, cada gesto, cada som, cada pausa e eu viajava naquele universo particular. Por algumas horas eu me via no mundo dos encantados, um cantinho mágico e muito mais intrigante e cheio de aventuras que a vida real.

Apesar de nomear apenas a tia Maurícia, tive o privilégio de ouvir muitos outros bons contadores durante a minha vida, em especial na minha infância. Alguns da família, outros parentes, vizinhos próximos e até mesmo pessoas desconhecidas. Acredito que eu nasci com esse dom de descobrir bons contadores de histórias. Para mim, as histórias são como tesouros e como tais, muitas vezes estão bem escondidas e precisam ser apreciadas por ouvintes sedentos por narrativas envolventes.

Fui um jovem líder impulsionado pelo Projeto Saúde e Alegria³ (PSA), uma iniciativa civil sem fins lucrativos que atua desde 1987 na Amazônia paraense, promovendo e apoiando processos participativos de

³ Para saber mais sobre a ONG acesse: <https://saudeealegria.org.br>

desenvolvimento comunitário integrado e sustentável. Comecei junto à ONG desde os meus 14 anos de idade como membro da Rede Mocaronga de Comunicação Popular.

A Rede Mocaronga é uma das iniciativas do Projeto Saúde e Alegria que se dedica a capacitação e suporte de jovens ribeirinhos e indígenas como “repórteres da floresta”. Os esforços em comunicação popular abrangem uma variedade de formatos, como programas de rádio, jornais e vídeos comunitários, fotonovelas, histórias em quadrinhos, blogs e mídia digital. Adotando uma estrutura horizontal, a Rede Mocaronga é composta por uma central localizada na sede do PSA em Santarém e por filiais nas próprias comunidades, representadas pelos grupos de jovens de cada localidade. Cada filial possui sua própria identidade, gestão e autonomia para determinar pautas, criar notícias e organizar suas atividades.



Figura 2 - Capa Jornal A Notícia da Vila de Boim - Fonte: Arquivo Pessoal.

Inicialmente, dentro da Rede Mocoronga, fui repórter do informativo comunitário “Jornal A Notícia de Boim” que veiculava mensalmente fatos do cotidiano, fatos históricos, além dos aspectos da vida social da comunidade. Era confeccionado uma versão original única, enviada pelo barco de linha para a equipe do PSA fazer a reprodução de cópias. Depois de alguns dias, chegavam as cópias para serem distribuídas na comunidade.

Cada comunidade que participava do projeto de mídias comunitárias tinha o seu informativo. Jornal Japiim de Suruacá, Jornal Seringueiro de Maguari, por exemplo, num total de trinta comunidades. Além das cópias do jornal local, vinham edições de jornais de outras comunidades para esse intercâmbio de experiências no ato de comunicar.

Também fiz parte da rádio Integração enquanto ainda era no formato de rádio poste. A partir de um alto falante no ponto mais alto da comunidade comandávamos uma programação voltada para avisos e informes gerais, entrevistas, jornalismo e, principalmente, para o entretenimento com músicas nacionais e regionais. Atualmente, a Rádio Integração é uma rádio FM e através das ondas sonoras consegue alcançar uma audiência maior nas comunidades do entorno da vila de Boim.

Em alguns estados brasileiros, a palavra “mocoronga” tem um sinônimo negativo. No dicionário Oxford Languages, um dos significados é: indivíduo natural de Santarém-PA; santareno. Para mim, sempre teve o significado de hospitaleiro, acolhedor, tal como o morador de Santarém. No dicionário Papa Xibé do Baixo Amazonas (2011) o sentido é diferente:

Mocorongo - Desajeitado, desengonçado, matuto, caipira, abestado, lerdo, sem modos urbanos. E também como algumas pessoas de fora se referem aos santarenos. Por isso, esse sentido entrou até para os dicionários. Há ainda alguns poucos santareno, geralmente artistas, intelectuais e da classe média, que chamam a si mesmos e aos outros de mocorongos, tentando dar um sentido positivo ao

termo, com que sentindo orgulho de ser santarenos=mocorongos. Mas as pessoas simples do interior e das classes populares, sem muitos anos de estudo, dificilmente se auto-denominam mocorongos. Eu mesmo, em 25 anos de pesquisas na região, nunca vi um morador de comunidade rural se dizer

"mocorongo". Na verdade, a carga pejorativa, negativa, da palavra é mais forte do que a boa vontade daquelas pessoas que querem valorizar a palavra mocorongo. Minha hipótese é que esta palavra tem sua origem em mocó, um tipo de rato pequeno, que costuma se esconder em buracos entre as pedras e raízes, e que é muito comum no Nordeste. Pode ter acontecido que foram os nordestinos, a partir do final do século XIX, que começaram a chamar aos moradores de Santarém de mocó, mocó-rongos, como uma resposta por aqueles os chamarem pejorativamente de arigós, brabos etc. Mas, insisto, é só uma hipótese. Ainda falta pesquisa sobre isso. Uma coisa é certa: não foram os próprios santarenos que começaram a se chamar de mocorongos. Desde o início do seu uso e até hoje não é um termo de auto-atribuição da população regional. Ou seja, não é uma palavra que moradores usem para se identificar diante dos outros, dos que vêm de fora. São, sim, os que vêm de fora que chamam a nós de mocorongos. Ainda bem que a maioria dos nativos da região, que realmente se orgulham da sua história e da sua cultura, não aceitam ser chamados de mocorongo, pois esta classificação expressa o contrário do que são os herdeiros do povo Tapajó: inteligentes, espertos, criativos, ajeitados, modernos etc. Chamar os moradores de Santarém e da redondeza de mocorongo, na verdade, é uma ofensa e um insulto, algo inaceitável. Individualmente, cada um tem direito de dizer que é o que quiser - inclusive "mocorongo" - mas não tem o direito de dizer que os outros também são aquilo. O mais adequado

seria a auto-identificação como tapajoara (aquele que é oriundo do Tapajós) ou santareno mesmo.

(VAZ FILHO, 2011, p. 40)

Talvez por fazer parte da Rede não via a palavra *mocorongo* por esse lado e sempre tentei enxergar pelo lado de ser um povo hospitaleiro. E hoje percebo que lá no passado, através Rede Mocoronga, desde os meus 14 anos eu já era contador de histórias. Algumas vezes histórias escritas – no informativo -, outras vezes histórias orais através da rádio poste.

Um dos trabalhos enquanto repórter no jornal A Notícia que eu mais gostava era trazer relatos de histórias que não tem uma explicação lógica, que os mais céticos duvidam, mas que nós, povos da floresta, acreditamos veementemente. Não tínhamos como mensurar audiência ou não sabíamos, não sei ao certo, portanto, se eu gostava, esperava que os leitores também gostassem.

Lembro de uma dessas histórias que foi veiculada, inclusive, no blog da Rede Mocoronga, uma espécie de matriz administrado pela sede do Saúde e Alegria. Era uma espécie de privilégio ter seu trabalho divulgado no blog central da Rede. Tanto para a comunidade, quanto para o jovem repórter da floresta.

O tema dos *ingerados* foi bem marcante na minha vida e uma das histórias que sempre ouvi e tive muito medo. Ingerado é a pessoa que se metamorfoseia para algum bicho. Já no papel de jornalista profissional, voltei a abordar essa temática no podcast Pavulagem, episódio 4, Ingerada - a mulher que vira onça.

Boim contra os ingerados – Pessoas que se “transformam” em animais podem estar com os dias contados

24 de outubro de 2013 por Maickson Bhoim

Artigo originalmente publicado no blog Vila de Boim em 2013-10-18 20:37:36

Desde a infância, sempre nas contações de histórias que ouvimos dos mais velhos da comunidade, nos deparamos com a figura dos ingerados, que são pessoas, segundo a crença, demoníacas que se transformam em outros seres, principalmente animais.

De madrugada o fulano se ingeria para cavalo. O ciclano se ingeria para uma onça. A beltrana se ingeria para uma porca. Essa metamorfose, acontece devido essas pessoas possuírem “orações feias”, ou seja, pactos demoníacos.

As incertezas pairam entre as pessoas, mas àquelas de mais idade garantem que é real. Afirmam que já viram, presenciaram esse momento macabro. Os ingerados circulam geralmente altas horas da noite e perseguem pessoas, principalmente quando estão sozinhas, e cães nas ruas. Mas há aqueles que, talvez, sejam mais “poderosos” ou mesmo “sem vergonha” e resolvem passear cedo da noite mesmo, sempre em locais com pouco movimento.

Um dia desses um senhor da comunidade foi surpreendido por um desses seres. Próximo ao cemitério deparou com uma porca que o fez correr. O senhor acabou passando mal e foi parar na água doce. Alguns comunitários, em solidariedade, foram caçar a tal porca, que é uma pessoa ingerada. Não a encontraram. Acaba surgindo suspeitos nas conversas de vizinhança e outros até apostam que sabem quem é a pessoa que se ingeria para a porca.

A caçada continua. Quarta, dia 16/10, algumas pessoas a avistaram no bairro do Tucumatuba. Os mais corajosos da comunidade garantem que o fim dos seres ingerados está próximo. Será? Existem mesmo? Já imaginou você encontrando um cavalo, uma onça, que o persiga à noite? Prefiro não duvidar e espero nunca encontrá-los em minhas andanças por aí!

Figura 3 - Texto sobre os Ingerados no Blog da Rede Mocoronga - Fonte: Projeto Saúde e Alegria

Dentro da Rede Mocoronga também tivemos acesso a um Telecentro de Inclusão digital, fruto de parceria do Saúde e Alegria com o Governo Federal no programa Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão (Gesac) que oferecia gratuitamente conexão à internet via satélite.

O Telecentro começou as atividades em 2008 e era o único espaço na comunidade com energia 24 horas a partir de fontes fotovoltaicas. Possuía uma sala de informática com 4 notebooks, uma sala de cinema e uma biblioteca. Para muitos da comunidade, foi o primeiro contato com um computador e com a internet.

Em toda essa jornada na Rede Mocoronga tínhamos a missão de passar o conhecimento para os novos jovens para que eles continuassem o trabalho porque é muito comum que após o Ensino Médio a juventude da comunidade migre para a cidade em busca de trabalho ou para continuar os estudos.

O trabalho enquanto jovem líder e, principalmente, com comunicação comunitária foram muitos importantes na trajetória pessoal e profissional. Além disso, desse legado nasceu a paixão pelo jornalismo (apesar de jornalismo não ter sido a minha primeira graduação).

Só vim cursar jornalismo anos mais tarde. Sou licenciado em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará. No último ano do curso, passei em um concurso público para docência no Estado do Amazonas.

Mudei para Manaus e passei a trabalhar com estudantes de 06 a 12 anos, séries iniciais do Ensino Fundamental. Numa das aulas, resolvi contar histórias e para meu espanto os meus alunos de Manaus, que está tão próxima de comunidades ribeirinhas e indígenas, desconheciam as histórias que eu cresci ouvindo. Aquilo para mim foi um pouco decepcionante, confesso.

Enquanto jornalista, amante dessas histórias, indígena e amazônica eu precisava fazer alguma coisa para que esse conhecimento, essa nossa rica cultura fosse perpetuada. Além de perpetuar eu queria que essas histórias chegassem a outras pessoas e, principalmente, para pessoas como os meus alunos que são da região e desconhecem as nossas histórias.

A vida continuou até que veio a pandemia e reforçou essa urgência, perdemos muitas pessoas e nesse processo alguns contadores se foram. Muitas memórias, conhecimento e histórias perdidas porque esse tesouro está, majoritariamente, apenas na biblioteca da cabeça dessas pessoas.

A tia Maurícia, por exemplo, que foi minha maior contadora de histórias na infância, partiu e eu não pude entrevistá-la. Não tenho nenhum registro das histórias dela a não ser o que tenho na memória. Seus filhos não tiveram tempo de continuar esse legado porque a oralidade ao mesmo tempo que é muito forte, também é muito frágil se não for transmitida.

A gente está num momento que a energia elétrica, internet, celulares, televisão e outros meios digitais estão chegando nas comunidades ribeirinhas e indígenas e esses momentos de transmissão de saberes, de contação de histórias não são mais tão comuns como era na minha época. E isso tudo é

normal, faz parte desse processo de globalização e cabe a nós vermos como lidamos com essa situação.

As histórias dos seres encantados e muitos outros conhecimentos da oralidade amazônica não estão registradas em lugar nenhum. Até tem uma coisinha aqui e outra ali, uns causos distorcidos, uns personagens tirados do contexto, mas é pouca coisa.

Sempre achei importante que nossas histórias não desaparecessem com o tempo. Além do mais, elas são muito lindas para que fique só entre a gente.

Dessa vontade nasce o Podcast Pavulagem, original Spotify, para contar todas essas histórias: um verdadeiro patrimônio cultural que é guardado, sem o merecido reconhecimento, por essas pessoas incríveis: os contadores de histórias populares da floresta.

Parte II

A arte de contar histórias é uma prática muito antiga, pode ser vista como forma de ensinamento e uma forma de explicar a realidade, costumes, modos de ser e agir, são repassadas através do tempo pela oralidade, e o homem vai transmitindo de geração em geração.

De acordo com Campbell (2005), essas práticas de contar e encenar as histórias de um povo serviam para sintonizar o sistema mental com o corporal, levando essas populações a viverem e sobreviverem, além de servirem para justificar e interpretar fenômenos naturais, num tempo em que ainda não existia a linguagem escrita. Além disso, o ato de ouvir e contar histórias têm outros significados, desenvolvem a imaginação, a capacidade de ouvir o outro e se expressar, a construção da identidade e dos cuidados afetivos.

As narrativas míticas estão presentes em todas as sociedades. São encontrados nos atos de criação e vão se misturando à história do lugar.

Segundo Oliveira e Krüger (2010) podem ser: cosmogônica, etiológica ou escatológica. A primeira narra a origem do universo e do homem; a segunda, a origem de um rio, de uma planta; e por fim, a última trata do fim do mundo. E deles muitas manifestações folclóricas se originaram, incluindo narrativas. No imaginário amazônica, a floresta e o rio, os igarapés não representam somente o espaço de reprodução econômica, das relações sociais, o território pode ser visto também como locus das representações mentais e do imaginário mitológico das populações tradicionais (DIEGUES; ARRUDA, 2001). As práticas simbólicas são as representações, símbolos e mitos que a comunidade constrói. No passado, estas práticas eram compostas pelos mitos reproduzidos pelas comunidades existentes nos diferentes territórios da floresta, no rio, árvores e caminhos que se cruzam, um dos mitos mais conhecidos é o da Cobra Grande, do Boto, do Navio Iluminado, da Matinta Pereira, da Curupira, a lara, entre outros.

No imaginário ribeirinho e indígena os rios e as matas estão ligados intimamente a propagação das encantarias, deles surgem: os Botos, as laras, as Boiunas, as Cobras (Grande, Norato) e todo um mundo encantado que habita as suas profundezas para conviverem com o ribeirinho e indígena, e é justamente essa relação água-homem-natureza que se torna uma dimensão da potência do imaginário (DURAND, 1998). Eliade (1993) também nos fala que as paisagens têm forte influência nos elementos naturais, como florestas de mangue, igarapés, campos e a costa atlântica, o misticismo está ligado à cíclica das águas e das florestas.

E, para Paes Loureiro (2015) em sua reflexão sobre o imaginário amazônico, diz que ao mesmo tempo em que um imaginário estigmatizante foi cristalizado, a partir do olhar estrangeiro, há o imaginário constituído pelos “olhares de dentro”, que por sua vez é carregado de uma “poética” inspirada pelo próprio ritmo e possibilidades da natureza e suas relações com o homem, ou seja, o mítico está em comunhão com a vivência cotidiana (seja dos povos indígenas, como por exemplo do povo Sateré Mawé, das comunidades

ribeirinhas as margens do rio Tapajós, nas cidades, e nas influências culturais dos migrantes em diferentes períodos históricos), mas que não corresponde ao que a visão de fora lhe atribui.

Esse autor acredita que a poética do imaginário amazônico apresenta modos de vida e culturas individuais e estaria numa zona entre o real e o surreal, a qual chama de *sfumato*, assim ele escreve:

Sob a liberdade que o devaneio permite, o espaço é quase que absorvido pelo tempo, assumindo uma leveza que compensa as duras fainas e jornadas na floresta ou nos rios. São inúmeras essas atitudes envolventes de contemplação operativa, em que o real e o imaginário se interpretam livremente. Nesse sentido, habituaram-se a aprender o espaço de forma descontínua – cada segmento desse vasto espaço unitário é um espaço natural reconstruído socialmente e, por isso único, ao mesmo tempo que igual e integrado ao espaço universal. (PAES LOUREIRO, 2015, p. 79)

Nesse sentido, o imaginário amazônico e esse universo simbólico e cheio de contradições se apropria dos mitos e lendas para explicar as diversidades culturais da região e também pode ser uma forma de quebrar estereótipos do povo floresta, entretanto, essas narrativas não conquistam muito espaço nas mídias nacionais.

Essas narrativas orais trazem toda a magia e encantamento da memória e da expressividade oral. São transmitidas de narrador para narrador, guardadas pela plasticidade da memória e da voz. Viajam para todos os lugares acolhendo acréscimos, substituições e influências. É um material rico e dinâmico fruto da capacidade criativa das pessoas anônimas. “Nascem em culturas orais, criadas, recriadas e preservadas ao longo do tempo através de artifícios narrativos da memória. Oralidade e memória estruturam essas práticas narrativas essencialmente através da dialogia”. (SILVA, 2008, p. 127)

Ao contar as histórias, o homem passa a ser sujeito da própria história e não objeto de uma história criada por uma pessoa de outra região, nesse momento, o contador da história cria e recria a sua identidade, e a identidade de um povo, ele constrói uma cultura para si e seu povo, e essa cultura vai passando de geração em geração pela oralidade. Para Reyzábal (1999, p.259) “toda comunidade possui tradições orais constituídas por conceitos relacionados com atitudes diante da vida, comportamentos, experiências, desejos, ideias...”, a tradição oral nos encaminha para nossas raízes e permite sermos partícipes da existência em coletividade.

Em nossa região não interessa saber se a história contada é verdade ou lenda, importa contar, encantar e ser ouvido, embora quem conte, sempre afirme ser verdade. A contação de histórias é uma prática constante nas comunidades interioranas, que tem se mantido até os dias atuais. São os contadores natos, pescadores, ribeirinhos, indígenas que encantam com suas histórias de assombração, nas quais figuram seres míticos, como a Boiúna (cobra-grande), a Matinta Pereira, o Boto que se metamorfoseia em homem, a Curupira, a Mãe d'água, entre outros.

Nesse contexto, os mitos, as lendas, contos, causos, histórias de assombração são narrativas que tentam explicar por meio de símbolos aquilo que a consciência humana não consegue compreender, ou seja, o inacessível à razão. Eles são utilizados pelos mais velhos como modelos para perceber o mundo, como uma forma de passar valores, ensinamentos, usam do místico⁴ para falar sobre obediência, honrar pai e mãe, para criar um temor, exemplo 'se fizer algo nesse sentido isso pode acontecer contigo'.

E, no momento da contação das histórias, é exigido do narrador não apenas o saber contar, mas o como contar. Uma história contada tão somente é deleite para alguns, por determinado momento, mas uma história bem contada permanece por longos anos na memória de quem a ouviu. O contar

⁴ **Místico** se refere, principalmente, ao caráter de algo, ou seja, ao caráter misterioso, espiritual e simbólico de algo. **Mítico** se refere ao caráter de mito de algo, ou seja, ao caráter fantástico e lendário de algo.

não se dá apenas pela vocalidade, mas também pela performance, pela entonação usada, pela mobilização de recursos capazes de explicar o inexplicável e descrever o indescritível. Os gestos, as expressões faciais, o olhar em várias direções, o franzir do rosto, os murmúrios, o silêncio são alguns dos muitos recursos de que se vale o contador para dar sentido ao que se conta.

A oralidade é entendida como um fenômeno complexo que na voz ressoa e se materializa como portadora da história e memória de um povo fazendo parte de sua identidade; ela reverbera traços específicos próprios da tradição oral, em que se revelam sentimentos, ideias e emoções; no papel, ela se realiza como registro dessa fonte inesgotável de saber cultural e se transforma em arte. Portanto, podemos dizer que

[...] narrativas míticas e crenças que povoam o imaginário amazônico contém explicações para a origem e a forma como se apresentam os fenômenos naturais e sociais hoje; trazem perspectivas filosóficas sobre a vida, a relação dos vivos com os mortos e com a natureza. Fazem parte da religião e da ciência dos povos da Amazônia. (VAZ; CARVALHO, 2013, p. 18)

Desde o início da civilização humana todas as formas de saber e de conhecimento eram transmitidos pela escrita, mas, sobretudo, oralmente por meio de relatos e de experiências de vida; e a memória humana, essencialmente a auditiva, era o único recurso que as pessoas dispunham para o armazenamento e a transmissão do legado às futuras gerações. No presente, os mais velhos são tidos como aqueles que têm o conhecimento acumulado de suas vivências e, são responsáveis pela transmissão da bagagem cultural às futuras gerações.

O modo de ser, ver e sentir o mundo do homem amazônida, as apreciações de ordem moral e valorativa e os diferentes comportamentos

sociais são produtos da nossa herança cultural, portanto, é a consequência de um acúmulo de saberes de uma determinada cultura. Assim, “entendemos que essa cultura é como sistema de símbolos e significados, que compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modos de comportamentos” (ARAÚJO, 2012, p. 105). Nesse sentido, Laraia (2004) ressalta que compreender uma cultura é, à vista disso, estudar um código de símbolos e significados partilhados pelos membros da mesma cultura, pois cultura significa a compreensão da própria natureza humana.

Segundo Saboia (2016) no Amazonas, antes da chegada dos portugueses, a cultura de contar histórias era bem presente em meio aos povos que aqui viviam. Eles não tinham a letra, mas tinham a palavra e, por meio dela, repassavam suas crenças, seus costumes e suas tradições. Uma cultura passada de geração em geração através da palavra dita e que se perpetua até os dias atuais. A esse respeito, Vansina (2000, p. 157) afirma que:

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para a outra.

Assim, as narrativas expressam formas que constituem parte da identidade cultural de um povo e têm sido mantidas apesar das transformações que sofrem no tempo e no território, e por vezes, em alguns lugares na região Amazônica são encontradas variantes de uma mesma história, dependendo da região e da época. Elas são criação momentânea que está encarregada de transmitir valores de geração para geração. São representantes de uma tradição, e como tal, preservam traços específicos próprios desta mesma tradição. Na literatura oral, portanto, a voz, além de transmitir sentimentos,

ideias e emoções, pode apresentar características de estilo literário e também transmitir saber de um povo, de uma comunidade.

As narrativas orais são formas ricamente elaboradas de contar as experiências vividas num contexto sócio histórico, possuidor de densa memória individual e coletiva, a identidade, o modo de ser e viver de um povo. Ou seja, as narrativas desses personagens revelam as transformações ocorridas nos lugares de pertença. “Por meio da memória o narrador é capaz de evocar em sua fala as imagens relativas às dinâmicas das paisagens, suas modificações e modelagens ao longo do tempo” (SILVEIRA, 2004, p. 138).

No seu contexto oral, o relato tem uma enorme carga de vivência e de realidade. Mesmo sob uma linguagem associada à fantasia e ao sobrenatural, é a experiência vivida que sustenta aquele jogo de relatos, onde todos contam e todos escutam. Ainda quando alguém diz que está apenas transmitindo uma história que ouviu de outrem (“Eu só conto porque minha avó contava”), esta é uma das várias dimensões do vivido. É um que conta a história vivida pelo outro. Mas quem conta só o faz porque acredita na possibilidade real da história (“Mas ela disse que isso aconteceu mesmo”). Se pensarmos em uma possível distância em relação à verdade, entre os que contam o vivido pelos outros e os que contam o vivido por eles mesmos, a diferença é muito pequena. É claro que quem diz “Eu conto porque eu vi mesmo” impressiona mais e imprime mais confiança nos ouvintes. Porém, como duvidar de quem diz “Foi o próprio Zeca, meu primo, que me contou que ele viu aquela misura⁵ lá na beira do igarapé”? (VAZ; CARVALHO, 2013, p.16)

⁵ - Misura é uma espécie de fantasma, um espírito que acaba espantando as pessoas que o vêem.

Para esses autores, os relatos orais são carregados de realidade e frutos da vivência de quem os conta, são experiências vividas ao longo de toda uma vida, seja pela perspectiva de quem as conta, ou pela de outrem, quase sempre, a experiência não foi vivida por quem as conta, e sim por outras pessoas conhecidas, porém, elas são contadas porque quem as conta acredita no que está dizendo, caso contrário, elas não são contadas.

Para Le Goff (1994) o imaginário mantém uma relação dinâmica e mútua com as sociedades às quais pertence e muda de acordo com os ritmos da história contada. Através dessas mudanças é possível ler e apreender o funcionamento mais vasto de uma sociedade. Ou seja, o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade, e representam a identidade do povo.

Nessa mesma ótica narrativa, as representações culturais que estão vivas na memória de um grupo social podem se atualizar no presente. As mesmas são reconstruídas/reelaboradas, constituindo-se parte da identidade de um grupo. Sendo assim, (MONTENEGRO, 2012), vem nos dizendo no sentido de propiciar uma forma de compreensão dessas reinterpretações de modo de vida, uma vez que, ao serem recriadas, se revestem de temporalidade e podem ser historicizadas em diferentes contextos de pertencimento.

Na região do rio Tapajós, no Pará e de outras comunidades ribeirinhas e indígenas da Amazônia, os locais costumam contar lendas, mitos e contos, e segundo Vaz e Carvalho (2013) são os que mais conservam estes contos, tudo na oralidade, pois há poucas coisas escritas e catalogadas. Provavelmente, porque nestes lugares predomina a oralidade e a permuta no trabalho do roçado, nas receitas culinárias e de plantas medicinais, visitas intercomunitárias em tempo de festas e torneios esportivos. Esses autores dizem que:

Viajar pelo interior do Pará e conversar com um (a) moradora (a), é sentir o quanto este mundo mítico está

presente na sua cultura. Aliás, não apenas no interior, pois mesmo nas cidades pequenas e grandes as pessoas gostam muito destas histórias. [...] Manaus, por exemplo, é habitada por milhares de pessoas que migraram das pequenas comunidades do médio e baixo Amazonas. Parte delas, vai e vem levando suas crenças em encantados, bichos e visagens. Cidades médias como Óbidos, Santarém e Alenquer, possuem os dois pés no interior. E quem não nasceu no interior tem pais ou avós [...] que de alguma forma conviveram com a realidade das encantarias dos pequenos vilarejos, [...] mesmo aos mais jovens das áreas urbanas as histórias de encantados não são estranhas. (VAZ E CARVALHO, 2013, p.12)

Portanto, é muito comum, a noite depois que o gerador de energia é desligado, as pessoas se reunirem em uma roda para falarem sobre os bichos visagentos, sobre os encantados, sobre as lendas e contos contados e recriados, faz parte da cultura e da nossa identidade, quem nunca escutou a história do Boto que engravidou a *cunhantã* e nunca mais foi visto? Ou sobre o caçador que matou mais caça do que deveria e por isso a Curupira lhe deu um castigo e ele ficou perdido na mata? Segundo Vaz e Carvalho (2013) essas histórias nós não aprendemos na escola, mas todos nós a conhecemos, gostamos e desejamos ouvi-las, justamente porque refletem uma visão do mundo e ao mesmo tempo reforçam a memória local e os seus laços de pertencimento, seja do território em que estamos inseridos, ou seja, de uma comunidade.

As histórias de encantados são importantes também devido a sua característica essencialmente coletiva. Os relatos, feitos em grupos, supõem uma crença partilhada entre quem conta e quem escuta. No fundo todos já sabem sobre bichos que viram gente e gente que vira bicho, e é isso que torna prazeroso escutar mais um relato particular

que traz novas confirmações sobre o já acreditado. E quem escuta não fica passivo, apenas ouvindo, mas tem participação ativa e direciona os relatos. (VAZ; CARVALHO, 2013, p. 13)

A oralidade para os povos tradicionais, ou para aqueles onde a globalização caminha a passos lentos, são fontes de conhecimentos e de saber, está longe de ser somente uma história, é algo vivenciado no dia a dia, está atrelado à particularidade de quem as conta, de uma comunidade, de uma região, dependendo do ponto de vista o que é para uma comunidade não é para a outra. Para quem conta, os acontecimentos ocorreram em um tempo e em algum lugar e chegam sempre através de alguém, seja pai, mãe, avô, avô, um compadre. Essas histórias retratadas através da oralidade, são de cunho moral e são também valores que são passados de pai para filho com o intuito de não ofender a natureza e assim evitar as punições por desobediência.

Concomitantemente, na construção do problema desta pesquisa consideramos que as narrativas orais podem ser perdidas, porque apesar de fortalecida pela transmissão de geração em geração a oralidade também pode ser frágil, como que o Pavulagem tem contribuído para ressignificar as histórias do encantado através da mídia podcast? A trajetória do seu criador, com seu “olhar de dentro”, faz diferença na transmissão dessas histórias? Como que o Pavulagem dialoga com a jornada de comunicação deste autor de outrora e do presente?

O interesse geral da pesquisa é apresentar o método de se fazer o Pavulagem, muito além da mídia podcast, mas a partir da tecedura de histórias de encantado[s]. Aqui, o autor desta pesquisa se coloca como encantado no sentido de que se deixou seduzir pelas histórias de encantarias. Como numa tecedura, ambos se conectam, estão interligados e dialogam entre si. Foram ouvidos contadores de histórias indígenas e ribeirinhos, sabedores da floresta que são usados também como referência para este trabalho. A partir dessas

contações foi necessário analisar esses relatos levando em consideração que elas fazem parte de um contexto, de um território, de um povo, e compreendendo o porquê de contar nossas histórias. Finalmente, buscamos refletir sobre a trajetória do autor a partir de sua jornada na comunicação, como liderança jovem antes do Pavulagem e os caminhos que o Pavulagem o tem levado.

Para construir esse diálogo optamos pela autoetnografia, a partir das histórias orais e da observação participante. Optou-se pela autoetnografia pois segundo Versiani (2002, pág. 68) “parece produtivo para a leitura de escritas de sujeitos/autores que refletem sobre sua própria inserção social, histórica, identitária e, em especial no caso de subjetividades ligadas a grupos minoritários”.

A pesquisa de campo durou seis meses, mas, foram utilizados materiais já coletados pelo autor num período anterior como pesquisa bibliográfica. As entrevistas orais aconteceram sem obedecer a um roteiro com perguntas prontas. Apenas nome e idade era uma informação comum aos entrevistados, as demais eram conduzidas de acordo com o diálogo, obviamente, que a partir do tema central que são as histórias dos seres encantados da Amazônia. A observação participante se deu a partir da vivência nos territórios para além das entrevistas, compartilhando de momentos coletivos nos territórios dos contadores de histórias.

A dissertação está dividida em três capítulos: o primeiro “O porquê de contar nossas histórias” apresenta a importância de nós apresentarmos nossas próprias narrativas e como isso tem se tornado um símbolo de [r]existência para os povos indígenas. No segundo capítulo “O método de fazer o Pavulagem” mostra como acontece a produção do podcast, com todas as suas nuances e peculiaridades a partir da realidade do povo floresta. No último capítulo “Trajetória do Pavulagem” é apresentado os caminhos trilhados a partir da repercussão positiva desse trabalho, além de apresentar a responsabilidade do autor de compartilhar os frutos com “os seus”.

CAPÍTULO 01 - O “PORQUÊ” DE CONTAR NOSSAS HISTÓRIAS

22 de abril.

Data que marcou a invasão, do nosso chamado Brasil, mas já tinha gente neste chão. Como que se descobre um lugar já ocupado? E usurpa a história do Brasil chamado descobrimento. Essa é a história desse país, para nós indígenas foi o maior tormento.

Como é que se torna dono da terra Sendo que a terra é dona de nós? Mas agora em tempos de guerra humanitária, estão aprendendo a escutar a terra que é nossa mãe e nossa vó.

Quando invadiu o Brasil e gritou descobrimento, o povo gritou já estamos aqui. Mas Cabral não entendeu, pois não escutava o grito nativo.

Das línguas indígenas e a diversidade do povo daqui. Ainda hoje continua a invasão. É madeireiro, fazendeiro e mineração. Neste descobrimento estão saqueando a terra, e matando Nossa população.

É tempo de refletir para salvar a natureza. Se vocês não morrer pelos conflitos territoriais como nós, Vai morrer pelo veneno que chega na tua mesa (XAKRIABÁ, 2020, texto online).

Quando os portugueses chegaram na região do Tapajós no século XVII a região era habitada pelos indígenas Tapajós e Tupinambás. Segundo Cohen (2012) "[...] os Tapajós e os Tupinambás eram os povos mais fortes da sua região, por isso dominavam os outros. Mas, vieram os portugueses e começaram a guerrear contra eles e também, escravizá-los".

Chefiados por Francisco Orellana e Frei Gaspar de Carvajal que escreveu estarem em terras de um senhor chamado Nurandaluguaburabara. Ao que tudo indica, a grandiosidade do nome representa que Nurandaluguaburabara era um *sacaca*.

Sacaca, no dicionário Papa Xibé do Baixo Amazonas, é uma palavra de origem Tupi que significa um pajé de grande poder, curador ligado à tradição indígena, profundo conhecedor dos segredos da mata e do fundo das águas. Tem o poder de entrar em contato direto com os espíritos encantados do fundo das águas através de viagens que o curador realiza regularmente para aqueles reinos, onde uma pessoa comum sozinha não consegue entrar. E são viagens que o sacaca mergulha de corpo e alma nas águas, e não em sonhos ou pensamentos.

Como toda sociedade, os povos indígenas têm a sua própria forma de organização. E um dos papéis mais importantes para a manutenção das nossas comunidades é o do pajé. Eles são considerados guardiões do conhecimento ancestral, detendo saberes e rituais que são transmitidos ao longo de gerações.

São guardiões das histórias, mitos e práticas medicinais. Ensinam a quem veio depois, sobre a história e a sabedoria de seu povo, fazendo com que as tradições continuem geração após geração. É importante deixar claro que as funções dos pajés podem variar entre os diferentes grupos indígenas e até mesmo dentro da mesma comunidade. Cada cultura tem suas próprias tradições, crenças e práticas específicas. Mas, uma coisa todas têm em comum. Cabe ao pajé uma função fundamental: a mediação entre o mundo humano e o mundo espiritual. É um cargo de muito poder, é sagrado.

Nurandaluguaburabara é o nome dos nomes mais antigos dos nossos ancestrais que se tem registro. Maria Lídia, cantora e compositora tapajônica fez a música com o nome do líder indígena.

"Frei Carvajal já relatara
Ao rei de Castela, em carta,
Como era bela e farta
Aquela ímpar seara
Uma nação abençoada,
Terra, me foi legada
Pelo senhor tapajoara
Nurandaluguaburabara"
(Lídia [...] 2000)

Na canção diz que a terra lhes foi legado pelo líder Nurandaluguaburabara mas, infelizmente, só sabemos um lado da história. A narrativa do ponto de vista de quem teve a oportunidade de contá-la e não foram os povos indígenas. Aliás, até os dias de hoje muitas vezes isso nos é negado.

A atual comunidade da Vila de Boim é chamada de terra dos tupinambás. Segundo Cohen (2012), os portugueses que chegaram ao Rio Tapajós e foram adentrando ao rio, liderados dessa vez pelo Padre Antônio da Fonseca desembarcaram na Ponta dos Tupinambás e ali "começava" a Missão de Santo Inácio no ano de 1690. Santo Inácio é o padroeiro local e o nome da Paróquia católica com sede em Boim.

A vila de Boim recebeu o título de 'vila' em 1758 e o nome 'Boim', é o mesmo nome de uma povoação do município de Elvas em Portugal. Os colonizadores buscavam criar uma nova Portugal na Amazônia, atribuindo nomes de vilas e cidades portuguesas aos povoados locais. Para Cohen (2012), Mendonça Furtado - governador da Província Grão Pará - queria substituir o que ele chamava de bárbaros nomes por outros de cidades ou vilas portuguesas.

Elísio Éden Cohen citado aqui foi uma grande liderança e historiador da vila de Boim. Nasceu em 1941 e faleceu em 2020. Dedicou grande parte de sua vida para resgatar os fatos históricos de Boim e das comunidades do Tapajós. Lançou dois livros: 'Vila de Boim sua história e seu povo' e 'Momentos Históricos da vila de Boim e seu distrito'.

Cohen foi uma das primeiras referências como pessoa do território a registrar e publicizar as nossas histórias. Ele escreveu no final do prefácio do seu livro: "Entrego aos meus problemáticos leitores a seleção e julgamento da minha humilde capacidade para realizar este trabalho". Apesar de pouca formação acadêmica, Cohen era um sagaz comunicador e ser político, além de grande referência cultural da região.

Muitas vezes, essa representatividade não é percebida e valorizada de imediato, mas ela acaba sendo importante porque é uma forma de demarcar caminhos para quem vem depois.

Outra importante referência do território por toda representatividade que carrega é o Florêncio Almeida Vaz Filho. Doutor em Ciências Sociais, Florêncio é natural da aldeia de Pinhel, do povo Maytapu que pertence a Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns, no estado do Pará.

Passei a olhar com certo "estranhamento" o que já me parecia familiar. Com olhos mais críticos fui às comunidades que eu pensava já conhecer bem, e vi um mundo rico de costumes e saberes tradicionais, relacionados à pajelança (ou xamanismo amazônico) e à crença nos espíritos que vivem na natureza, com os quais os humanos mantêm uma intensa relação. Conheci e tive longas entrevistas com Seu Laudelino, um respeitado pajé que não tinha vergonha de dizer que era indígena. E tudo me leva a concluir que nós éramos mesmo mais indígenas do que costumávamos pensar. (VAZ FILHO, 2010).

Florêncio foi um dos responsáveis pelo resgate da identidade indígena na região do Tapajós, principalmente, partindo do seu próprio exemplo. Além disso, foi uma das lideranças que lutou para a criação da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns - RESEX.

A Resex Tapajós Arapiuns possui uma área de cerca de 700 mil hectares, com 74 comunidades indígenas e ribeirinhas e foi criada no ano de 1998. Por conta dessa unidade de conservação, as comunidades podem viver do extrativismo, da agricultura familiar, da pesca e da caça mantendo, assim, a região livre de grandes agressores ambientais. Quando a Resex foi criada eu ainda era apenas uma inocente criança e nem tinha noção do quão importante era aquela conquista para o território.

[R]existência

“Ao se escrever história, muitas histórias estão dentro dela”, é uma frase que o Paulo Lima costumava dizer. Historiador, jornalista, professor, apaixonado por rádio amador e coordenador do Projeto Saúde e Alegria, Plima – como carinhosamente algumas pessoas o chamavam – foi um grande mentor na minha trajetória.

Nos conhecemos quando eu tinha 14 anos de idade em Boim através do seu trabalho no PSA. Ele foi o primeiro a acreditar no potencial daquele curumim amazônida.

E a sua frase faz todo sentido, ao se escrever histórias, muitas histórias estão dentro dela. São muitas teceduras, nas histórias e na vida. Mas por que contamos histórias?

Thiago Hakiy (2023) diz que conta histórias para perpetuar a ancestralidade de seu povo e para ser resistência. Hakiy é do povo sateré maué, escritor, poeta e contador de histórias indígenas. Tem 14 obras publicadas, algumas delas com o selo “altamente recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Escrevo histórias para perpetuar minha memória ancestral, para dar um sentido de existência, para ser resistência ao apagamento cultural imposto não apenas ao meu povo, mas para várias nações indígenas que existiram e ainda existe neste país continental. Conto as histórias do meu povo, para que outros possam conhecer a beleza da oralidade, o encanto dos meus avós compartilhando sabedoria em noites de lua cheia, ao redor das fogueiras acesas, ao longe, o canto dos pássaros e o rio Andirá seguindo seu curso ancestral.

(entrevista com Thiago Hakiy, 23/02/2024)

E como é belo a oralidade amazônica e toda a sabedoria nela carregada. Conheci ao Tiago em sua cidade, Barreirinha, no Amazonas. Foram

cerca de 25 horas de viagem de ida e cerca de 30 horas de volta de barco. Quando entrei em contato com o Hakiy pela primeira vez e perguntei o clássico: Oi, tudo bem? A resposta dele foi: “estou ótimo! De acordo com o caminhar das estrelas”. Percebi na hora que seria uma conversa das boas.

Tiago (2023) também ouvia muitas histórias na infância. “ouvi muito minha avó, meus avós, os mais velhos, a gente fazia roda de contação de histórias, isso é tradicionalmente indígena porque a contação de histórias nunca foi apenas uma forma de entretenimento”.

[...] cada nação ou clã guarda em sua memória cultural a sua ascendência dentro do reino da natureza de acordo com sua ancestralidade. Guarda a memória dos pais e da interação desses (JECUPÉ, 1998, p. 22).

Contar e recontar histórias além de preservar todo um legado cultural que está intrinsecamente em todo indígena também é ensinamento. Através das histórias foi que nossos ancestrais deixaram a nós todo o conhecimento deles.

Crescemos ouvindo a história dos outros. Numa sociedade colonizada, crescemos amando ouvir a história dos outros sendo que dentro da gente, na nossa ancestralidade há histórias riquíssimas e que precisam ser contadas por nós.

Hakiy (2023) também expressa indignação por falta de proximidade da realidade de crianças amazônicas com o que é visto no currículo e nos livros didáticos.

Imagina que você cresce no interior do Amazonas, numa comunidade ribeirinha, em uma comunidade indígena e os livros que chegam nas suas escolas são livros que falam sobre baleias. São livros que falam da Chapeuzinho Vermelho, do lobo, de cordeiro, algo que não tem nada a ver com a nossa

realidade, que não tem nada a ver com a nossa vivência. É claro que é importante conhecer, não digo que não. Mas, por que os livros não falam sobre a nossa realidade? Porque quando eu coloco um peixe pirarucu numa história, quando eu coloco uma árvore de tucumazeiro, ao invés de uma macieira ou cerejeira, coloco uma árvore de pajurazeiro, uma árvore de pequiazeiro, uma samaúma, quando eu coloco esses elementos, uma canoa, um rio que é nosso ao invés de colocar o mar, o oceano...então é muito estranhamento para uma criança que tem uma vivência ao seu redor, mas que não conhece os elementos que estão dentro do livro. Então, quando eu coloco esses elementos que são nossos, eu aproximo o leitor do livro.

(entrevista com Thiago Hakiy, 23/02/2024)

E esse estranhamento de não nos enxergarmos nos livros, nas histórias, na tevê, na política, na publicidade, além de ser triste também contribui para a perda da longevidade de nossos saberes e culturas. Para Ailton Krenak (2015) “[...] é a perda de conhecimentos próprios sobre nossos habitats, sobre nossas comunidades. No caso não só de comunidade humana, mas as comunidades em que nós nos constituímos, como culturas, e os ambientes que nós experimentamos” (KRENAK, 2015, p. 331).

Contar histórias é resistir, é existir. Se não há registro, se perde. E quem registra consegue dar longevidade ao seu legado. Há um apagamento cultural em curso desde quando o Brasil foi invadido em 1500.

Escrever nossa história é lutar contra todo apagamento cultural imposto a nós indígenas, é dizer que nossos grafismos recontam as lutas, as dores mas acima disso o orgulho de ser os donos desse lugar, de ter no DNA o pertencimento a esse

chão, o olhar do céu estrelado abençoando cada história contada ao redor da fogueira e hoje compartilhada nos livros e outros instrumentos de recontos, seja na poesia, na música, nos filmes nas academias.

Hoje nossa história se perpetua nestas brisas de belezas e tecnologias que não são originalmente nossas, mas são caminhos para a perpetuação da nossa memória ancestral. A caminhada até aqui não foi tão fácil quanto parece, pois o indígena estava fadado a ser musicalizado em : “índio” fazer barulho ou erotizado em : “índia” seus cabelos nos ombros caídos, ou ser lembrado no dia 19 de abril como aquele povo silvícola e de pena na cabeça, nos precisamos bradar que existe muito mais que isso, existe uma identidade só nossa, uma literatura que não há necessidade da escrita erupocetrista, há sim uma identidade cultural viva, carregada da riqueza dos nossos antepassados, bela e única. Viva, por isso, escrever posso afirmar penso , escrevo assim existo e resisto.(entrevista com Thiago Hakiy, 23/02/2024)

Demarcando Telas

Por muito tempo o arco e a flecha foram um dos únicos instrumentos de luta dos povos indígenas. Com o advento das tecnologias digitais, os smartphones e outras ferramentas de comunicação têm sido uma importante ferramenta de luta para os povos originários.

A jovem indígena Maira Gomez, do povo Tatuyo e Wanano, possui cerca de 7 milhões de seguidores no Tik Tok e é uma referência como criadora de conteúdo. Recentemente, foi homenageada pela Barbie Role Model com uma versão indígena de Maira da boneca Barbie. No seu perfil @cunhaporanga_oficial, Maira apresenta o cotidiano da sua família e tira dúvidas de seus seguidores sobre a vida numa comunidade indígena.

Outra referência é o jovem indígena Kauri Waiãpi, @daldeia, que possui cerca de 1 milhão de seguidores no Instagram e cerca de 3 milhões no Tik Tok. Usa do humor para quebrar estereótipos sobre os povos indígenas.

Para o grupo Wake (2023) criar conteúdo se tornou uma função social. Criadores de conteúdo são pessoas que se especializaram em criação de conteúdo no meio digital, atraindo assim, uma audiência que se identifica, consome e engaja com seu conteúdo de forma autêntica e orgânica. E os criadores de conteúdo digitais, por mais que influenciem comportamento dentro e fora da internet, devido à sua autoridade, relevância e ou aproximação com sua audiência são de influenciadores, criadores.

De acordo com pesquisa do grupo Wake (2023), no real retrato dos criadores de conteúdo os povos indígenas figuram entre a opção 'outros' com 4%. A região Norte aparece com percentual de apenas 3% dos cerca de 5 mil respondentes à pesquisa.

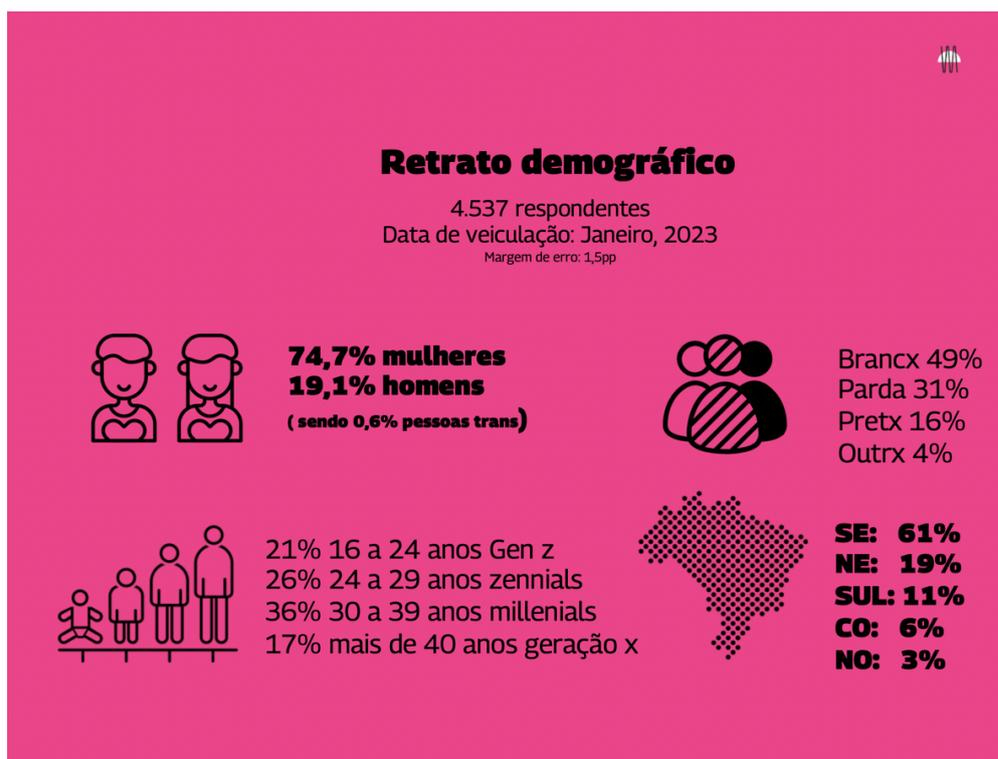
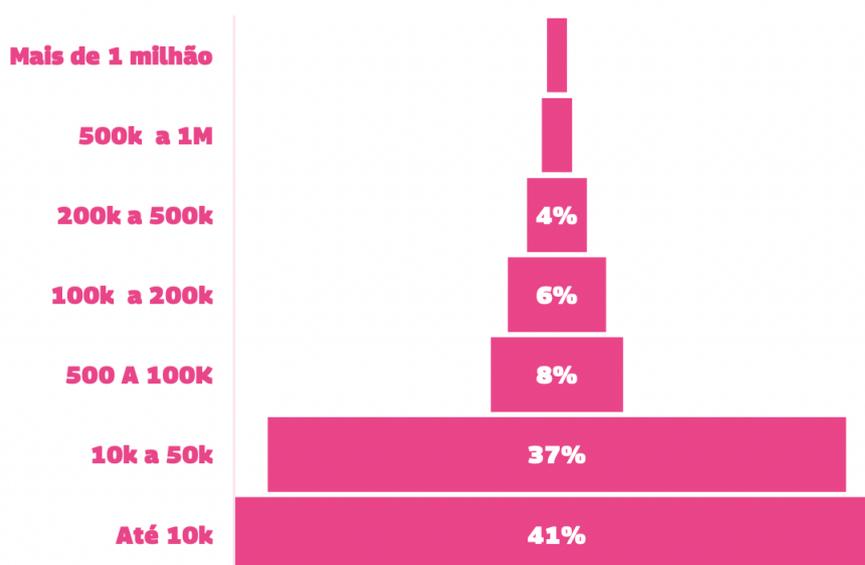


Figura 4 - Retrato demográfico dos criadores de conteúdo para internet no Brasil em 2023- Fonte: grupo Wake

Na pirâmide da influência, a grande realidade do mercado é termos ampla maioria de micro influenciadores no Brasil, 40% possuem menos de 10 mil seguidores e 78% até 50 mil seguidores. Porém, esses nichos têm grande

possibilidade de melhor distribuição da mensagem e de uma fala mais próxima e humana com a audiência.



*Figura 5- Pirâmide da influência de criadores de conteúdo do ano de 2023
- Fonte: Grupo Wake (2023)*

Por conta do trabalho frente ao podcast, fui crescendo nas redes sociais e figuro nos 37% com pouco mais de 17 mil seguidores. Inclusive, com trabalhos com marcas gigantes como a Netflix. A partir das histórias de encantarias e de mostrar uma Amazônia de mistérios dialogo com uma audiência que se identifica, consome e engaja o conteúdo organicamente.

Assim, demarcar telas, para os povos indígenas, permite visibilidade e representatividade, permite que nossas histórias sejam contadas por nós mesmos de forma respeitosa e autêntica. Além disso, combate estereótipos e permite um diálogo intercultural com outros grupos o que contribui para um país mais plural.

Dever de memória

As narrativas escritas ganham importância a partir do século XVIII, na construção da história de uma sociedade, o valor do jornalismo impresso como documento histórico, desde o surgimento da imprensa desde então, não pode ser ignorado, e misturando-se com o cotidiano dos grupos sociais. Desde então tornou-se marcante a necessidade das pessoas de registrarem a vida cotidiana como uma das formas de manutenção da memória. Nesse contexto, a memória jornalística marca "a entrada em cena da opinião pública [...] que constrói também a sua própria história" (LEGOFF, 1994, p. 461).

A veracidade é um diferencial importante da história oral em relação ao jornalismo, a memória é a teia simbólica do que se viveu, do que se vive, do que se pratica, do que se experimenta e do que se reinventa. O jornalismo é uma prática social, mas também faz parte da prática social do que se é produzido pela sociedade. Jornalismo e memória estão entrelaçados, pois um se utiliza do outro para se reproduzir, e para se fazer presente na sociedade. É, portanto, em um sentido mais amplo que o caráter material que jornalismo se ocupa do papel de lugar de memória. (PALACIOS, 2010).

O jornalista, em sua prática, quando relembra acontecimentos nem sempre vividos por ele, ele retorna a tempos passados em busca de entender os acontecimentos que dão sentido àquela história. Essas histórias ou acontecimentos, são revivenciados pelo repórter mesmo ele não tendo estado no local, ele lembra a partir das memórias contadas para ele, mesmo que seja de um grupo ou de uma pessoa, ele trabalha a partir da memória individual vivida por ele ou em coletividade. Vejamos o que Palacios fala a respeito do jornalismo e memória:

(...) o jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado. Um passado relatado

que, no início, renovava-se a cada dia, e com o advento do rádio, da televisão e da web, tornou-se relato contínuo e ininterrupto, nas coberturas jornalísticas 24x7 (24 horas por dia, sete dias por semana) (Palacios, 2010, p. 40).

A democratização da Internet influenciou o desenvolvimento das narrativas nas novas mídias e se apresenta como um vasto universo de possibilidades de contar histórias, englobando ao mesmo tempo texto, imagem e vídeo. Essa mesma mídia também tem responsabilidade pela formação da memória social. Porém, o caráter que o jornalismo tem enquanto lugar de memória, ele atribui à prática esse espaço de agendamento de informações, seleção de conteúdo a serem explorados no futuro, ou mesmo no presente. E esse tempo foi modificado pelos aparelhos tecnológicos que mudaram a forma de armazenamento, de passar informações.

Palacios (2005) nos lembra que, atuando simbólica e reflexivamente, as matérias jornalísticas criam modos de interação, alterando alguns modos de sociabilidade, o que para o autor reflete num “dever de memória”. Ele ainda acrescenta que essas matérias operam sobre a natureza histórica da sociedade contemporânea, construindo não apenas a História, mas também seus significados.

Este passado cada vez mais presente torna esta era singular em relação ao contexto social anterior. É neste contexto sociocultural que se estabelece a revisão da modernidade na sua relação com a memória, por meio de um - reencontro- com o passado (...) a sociedade contemporânea tende a desenvolver uma hipervalorização do passado e uma revisão das fronteiras entre passado e o presente (Palacios, 2005, p.85).

Portanto, não tem como nós, enquanto jornalistas, narrarmos o presente sem termos um pé no passado. Ainda que desse para narrarmos somente o

presente, perderíamos a harmonia e os aprendizados pelo caminho seriam perdidos junto com os “marcos testemunhais” que Nora (1984, p.13) fala. Nesse sentido, o jornalista precisa transmitir o passado para que a construção do presente ocorra a partir do caráter social e simbólico dos fatos de outros tempos passados.

A esse respeito, Halbwachs (2004, p. 35) fala que só temos a capacidade de lembrar quando assumimos o ponto de vista de um ou mais grupos e nos situamos em uma ou mais correntes do pensamento coletivo. Para este autor, não é suficiente reconstituir a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança; é necessário que esta reconstrução se opere a partir de “noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade”.

O jornalismo também possui importância na formação da cultura de uma sociedade, sociedade está esclarecida, pois não é possível existir uma sociedade bem informada culturalmente se esta não receber informações, portanto, há essa relação entre jornalismo e sociedade vinculadas através das notícias do cotidiano, e apuradas sua veracidade, nesse ponto, o jornalismo contribui para a formação cultural da sociedade. Para Karam (1997), a informação é importante não apenas para que sejamos conhecedores daquilo que acontece nas distintas regiões do mundo e nos posicionemos diante de culturas, comportamentos, política, economia, mas também para que saibamos o que ocorre no mundo.

O jornalismo, na estrutura midiática, é uma atividade que produz diariamente registros utilizados como fonte de informação num sentido amplo e, especialmente, de marcação no sentido histórico. De acordo com Matheus:

As marcas do tempo são especialmente sensíveis nos jornais, localizando o leitor num “lugar” na duração. O consumo diário das narrativas jornalísticas fornece um forte parâmetro espaço-temporal. [...] A marcação do

tempo foi se tornando função essencial dos jornais, a ponto de lhes ser dada credibilidade para datá-lo (MATHEUS 2010, p.2-3).

Segundo essa autora, identidade, memória e jornalismo formam uma tríade, mantendo relação com a História e sendo uma ponte da compreensão, recuperação e manutenção do passado. Para MATHEUS (2010), em nenhuma outra época, a produção de conhecimentos foi tão intensa como nos dias de hoje registrando os fatos, o cotidiano, a própria História e nem sua aplicação assumiu papel tão importante na produção jornalística, seja na especificidade da notícia ou da reportagem enquanto um “documento” histórico, referência necessária para a compreensão da relação que se estabelece entre a “memória jornalística” e a “memória social”, principalmente nesse período pós pandemia, onde os jornalistas eram os responsáveis por levar informações para as casas todos os dias.

Portanto, esse dever de memória de perpetuar as histórias dos seres encantados da Amazônia é ancestral e, ainda, jornalístico. Seria leviano de minha parte ficar inerte diante da possibilidade de perda dessa grande riqueza que é cultura oral observada nas nossas histórias. E são diversas as razões do ponto de vista profissional que trazem esse dever de memória, dentre elas, destaca-se o valor educativo e documental que essas histórias permitem através dos documentos vivos que são os contadores e a perda irreparável desse nosso patrimônio cultural.

CAPÍTULO 02: O MÉTODO DE FAZER O PAVULAGEM

O Pavulagem é feito a muitas mãos. É uma produção coletiva. E todos que o fazem são importantes para que cada história seja compartilhada aos ouvintes com a melhor qualidade possível e respeito ao patrimônio ancestral que são as histórias e aos contadores. Aqui vamos apresentar o método no sentido das técnicas utilizadas em cada etapa do “fazer” o podcast Pavulagem. Desde a decisão pela história que é elucidada em cada episódio, até os caminhos que cada temporada deve trilhar.

Para nós, o Pavulagem não é apenas um podcast, por isso a importância de apresentar esse outro lado da história. Apresentamos os encantados, mas trazemos todo o contexto que faz parte também de cada narrativa. O lugar onde a história é contada, os contadores que trazem os personagens e, sobretudo, críticas a partir de nossos olhares sobre determinadas temáticas que aparecem nas entrelinhas.

E a partir dessa ‘fazedura’ que imprime o DNA da floresta, que o Pavulagem tem bons números. Mas, para além dos números o Pavulagem conecta ouvintes com o passado, lembranças de momentos de contação de história em família, principalmente, de quem, por algum motivo, se distanciou da realidade onde essas histórias estão mais vivas.



Figura 6 - Dados de audiência do Podcast Pavulagem nas duas temporadas. Arquivo Pessoal.

Mídia ideal para cada história

A presença do rádio é muito comum nas comunidades ribeirinhas e indígenas da Amazônia. Durante a minha infância, geralmente, a informação chegava primeiro pelas ondas sonoras da rádio Rural AM de Santarém. Isso era fruto da qualidade da programação da emissora e, sobretudo, pela falta de energia elétrica em muitos lugares. O rádio a pilha além de trazer notícias também trazia entretenimento.

Um dos programas da Rádio Rural, inclusive, se transformou em política pública educacional do município de Santarém e Belterra, no Pará.

E é na Rádio Rural de Santarém que o programa “Para Ouvir e Aprender” é veiculado às segundas, quartas e sextas-feiras, nos horários de 7h30 às 8h e reprisado de 14h05 às 14h35 desde o final de 1999. Como parte do projeto “Rádio pela Educação” o programa é voltado para professores e alunos de 1ª à 4ª séries do ensino fundamental dos municípios de Santarém e Belterra, no estado do Pará e desde 2002 tornou-se política pública desses municípios. Hoje são mais de 35 mil alunos e cerca de 1.100 professores participando do programa em sala de aula. Mais de 50 cartas chegam à redação do programa todo mês, contribuindo para avaliar e sistematizar as informações veiculadas no programa. Além do público para o qual é direcionado, o programa é acompanhado pelos pais, pois faz parte da grade de programação da emissora, o que amplia a audiência e permite que os familiares acompanhem o conteúdo ministrado aos estudantes, passando a participar mais na vida da escola e de seus filhos. Outros municípios próximos também acompanham o programa de rádio, de acordo com relatos de professores das cidades vizinhas quando estão de passagem em Santarém. (CAMARGO, Cynthia, 2005, pág. 01)

Ouvia “Para Ouvir e Aprender” na Escola e ouvia a programação diária em casa, sobretudo, o Programa “Sinval Ferreira Atende que dava espaço para denúncia e veiculações da população de Santarém e cidades vizinhas.

Em 2023, porém, a Rádio Rural de Santarém migra de AM para FM e, além da diferença na frequência também passou por mudança nos valores.

Uma das principais mudanças foi o fim de programas dos movimentos populares, como por exemplo o Programa Puxirum do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém.

“A origem da Rádio Rural, Dom Tyago Ryan com uma visão de pastor ligado às questões sociais, quando criou a rádio em 1964, ela tinha duas funções: alfabetização de adultos e evangelização libertadora. Ela caminhou por um bom tempo especificamente assim, depois foi ampliando conforme o mundo foi ficando mais complexo as questões sociais, e então ela cresceu como uma emissora que tinha de fato compromisso com as questões sociais e evangelização libertadora, e esse compromisso se manifestava nos programas, na forma de dar notícias, de entrevistar pessoas. Acontece que de 2014 pra cá ela entrou em declínio e foi perdendo o rumo, a administração foi perdendo o rumo até chegar agora, onde ela perde totalmente como uma emissora da igreja católica a serviço da educação do povo e da evangelização libertadora, está perdendo seu objetivo, por isso ela está cortando os programas comprometidos com o povo. A rádio Rural pra mim do jeito que está deveria fechar, tem que ser aberta de acordo com aquilo que foi o compromisso original e histórico da criação dela, ela não deve ser uma emissora qualquer, não pode ser uma FM igual a tantas outras, ela tem um compromisso definido, mas perdeu esse compromisso. (SENA, 2023, texto online)

Na Rádio Rural do passado participei por três meses do *A Hora do Xibé*, um programa apresentava manifestações artísticas e simbólicas dos moradores da região do Tapajós como legítimas expressões culturais. O convite foi do Frei Florêncio Almeida Vaz e a participação da equipe se dava de forma voluntária com programas três vezes na semana de 12h 30 às 13 horas.

O rádio sempre esteve presente na minha vida e pude ter a experiência de trabalhar do lado de quem faz o “rádio acontecer” tanto na Rádio Integração dentro da Rede Mocoronga de Comunicação Popular quanto na rápida passagem pela Rádio Rural de Santarém.

O velho é o novo novo. Sempre ouvimos rádio, sempre gostamos de histórias contadas por áudio. Só uma nova geração que descobriu e uma nova tecnologia ajudou muito. Com o celular conseguimos ouvir uma história de onde quer que estejamos, na hora que quisermos. Ninguém está inventando a roda, só demos uma nova vida para m jeito de consumidor história que já era muito legal e que já ouvíamos desde criança. (FELITTI, 2023, texto online)

Por conseguinte, ouvíamos desde criança histórias em áudio pelo rádio e através da oralidade nas contações de história. Mais recentemente, tivemos a chegada do podcast que nada mais é “um processo mediático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na Internet” (PRIMO, 2005, p. 17).

Quando a ideia de contar as histórias do Pavulagem era apenas um desejo, a primeira mídia pensada para apresentar essas histórias ao mundo era através de livros. Pela formação na área da comunicação, conhecia o que era podcast, mas pouco ouvia e não tinha produzido.

Quando o *Spotify*⁶ lança, no primeiro semestre de 2020, o edital para buscar novos criadores de podcasts indígenas e negros com boas ideias e que iria ensinar a transformar essa boa ideia em podcast percebi que era o momento certo para que as histórias dos seres encantados da floresta amazônica ganhassem o mundo.

A ideia foi uma das vinte selecionadas no processo seletivo do Spotify, teve a formação e nascia o Podcast Pavulagem que foi uma das propostas vencedoras. Além da premiação, veio a proposta para que o episódio piloto se tornasse uma temporada e o Podcast tivesse um contrato com o selo “Original Spotify⁷”.

⁶ O Spotify é um serviço digital que dá acesso instantâneo a milhões de músicas, podcasts, vídeos e outros conteúdos de criadores no mundo todo. É a maior empresa nesse segmento a nível mundial. Foi criado em 2008 e tem as versões gratuita com anúncios e a versão para assinantes. <https://open.spotify.com/intl-pt>

⁷ Original Spotify é o selo para obras que o Spotify adquire os direitos integralmente da obra, ao contrário de “exclusivo” onde apenas adquire o direito de reprodução. No entanto, os



Figura 7 - Capa do Podcast Pavulagem com selo de Original Spotify.

Durante a participação na formação e na lapidação das ideias para o formato de podcast percebo que existe a mídia ideal para cada história. E para contar as histórias do Pavulagem, para apresentar os diversos sotaques e timbres de voz de cada contador, para respeitar a tradição da contação de histórias pela oralidade, o podcast era a mídia certa para, inicialmente, tornar nossas histórias conhecidas. E, que isso, não impede que outras mídias surjam a partir dessa precursora.

Quem faz o Pavulagem

Maickson Serrão – Cresceu ouvindo histórias de seres encantados da floresta na vila de Boim. Quando mudou para a cidade, percebeu que seus amigos de outros cantos do país desconheciam os causos de sua gente. Como

contratos firmados a partir do concurso, dentre eles o Pavulagem, mesmo com o selo 'Original' tiveram seus direitos mantidos aos seus respectivos criadores.

indígena e jornalista, viu a importância de amplificar as vozes dos contadores e fazer as histórias dos seres encantados da floresta ganharem o mundo.

Trovão Mídia - Durante participação no programa do Spotify onde o Pavulagem saiu da ideia para podcast, tive a mentoria de Ana Bonomi, fundadora da Trovão Mídia, uma produtora de podcasts narrativos. Todos os 10 que avançaram na segunda fase do processo seletivo contaram com um mentor que era de alguma produtora do mercado de podcasts do Brasil.

O trabalho de mentoria da Ana foi muito importante e, através dessa relação o piloto do Pavulagem entregue na final saiu vencedor e ainda com a proposta de contrato. Havia a possibilidade do Pavulagem ter uma produtora independente, mas a Trovão Mídia possuía uma relação com o Spotify por conta de um podcast Original Spotify chamado 'Nós' e pela mentoria que lapidou e respeitou a história dos encantados decidi que a Trovão deveria ser a produtora do Pavulagem.

A Trovão Mídia é uma produtora de podcasts fundada em 2020 por Ana Bonomi e José Oreinstein, em São Paulo. Nesses quatro anos, a Trovão produziu mais de 30 podcasts, alguns deles alcançaram o topo dos rankings de audiência e foram reconhecidos nas listas de melhores do ano das plataformas e pela imprensa. Em 2023, a Trovão criou o podcast Alexandre, em parceria com a revista Piauí.

O podcast tem mais de 2 milhões de downloads, e foi eleito pelo Spotify e pela Apple um dos top podcasts de 2023. A Trovão tem parceria com as principais plataformas de áudio, como Spotify, Globoplay, Deezer, Amazon Music e Audible. Também já fez podcasts para artistas como Nando Reis e Rita Lobo, e empresas como a Fundação Bienal de São Paulo, o SESC-SP, o Hospital Israelita Albert Einstein, a 99, a WWF, entre outros.

Ian Wapichana e Luisa Puterman – criadores da trilha sonora original do Podcast Pavulagem. Ambos são músicos e parceiros em outros projetos artísticos e musicais.

Os barulhos da floresta do podcast são do banco de sons do Museu Imaginário de História Natural da Amazônia. O MIHNA é um museu itinerante feito de som, um organismo que conecta pessoas, ecologia e histórias através de experiências de escuta. A Luisa Puterman é uma das coordenadoras do museu.

Denilson Baniwa – é responsável pela ilustração da capa do Podcast. É natural da aldeia Darí, em Barcelos no Amazonas. Artista visual e curador, aborda a questão dos direitos dos povos originários através da sua arte. O Pavulagem adquiriu a coleção digital “Aquela gente que se transforma em bicho” que retrata alguns dos seres duplos (espírito bicho-gente) de Baniwa.

Guias locais – Em comunidades que eu desconhecia o território, buscava indicações de amigos ou amigos de amigos que são ou conhecem esses lugares. Na comunidade de Pinhel, por exemplo, o guia local foi um amigo, Kennedy Rodrigues, que morava na comunidade ao lado. Na Raposa Serra do Sol, comunidade da Raposa, um amigo de um amigo foi o guia local que me levou até aos contadores. Ali eu era apresentado e o fato de ser apresentado por alguém que os contadores conhecem ajuda a abrir portas para que as histórias sejam contadas.

Os verdadeiros Protagonistas

Todos os contadores de histórias dos encantados têm algo em comum: todos eles já sentiram a presença real de um encantado alguma vez na vida ou ouviram histórias de quem já sentiu.

Contadores de diferentes territórios, diferentes idades e muitos jeitos de contar histórias. Alguns deles eu já conhecia, outros eu conhecia somente a comunidade de onde eles são, mas, em alguns casos conheci o território, os contadores e as histórias pela primeira vez nessas viagens a campo pelo Pavulagem.

Tradicionalmente, a contação de histórias nas comunidades ribeirinhas e indígenas da Amazônia acontece durante a noite e a presença do fogo, normalmente, é elemento costumaz através de uma lamparina, candeeiro ou até mesmo uma fogueira. Mas, para o Pavulagem as entrevistas obedecem a esse rito somente quando é possível, por conta de logística das viagens, tempo livre dos contadores e para obter o máximo possível de histórias as entrevistas acontecem na oportunidade do dia a dia, apenas prezando por um ambiente com o mínimo de barulho e que o contador esteja numa posição confortável para ficar contando as histórias.

Nazareno Oliveira, 77 anos, vila de Boim, Santarém-PA – Conheço o seu Nazareno há muitos anos. Ele foi uma grande liderança na comunidade e na Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns onde foi presidente da Tapajoara, que é a Associação Mãe que representa todas as comunidades que pertencem a Unidade de Conservação, num total de 74 comunidades ribeirinhas e indígenas.

Conhecia o seu Nazareno pelo lado liderança, não sabia que ele contava histórias. Mas, resolvi perguntar. Expliquei para ele que estava fazendo o registro de histórias de encantarias e que caso ele soubesse de algumas histórias e quisesse participar, seria uma honra. Ele respondeu que eu deveria passar na sua casa noutro dia no início da noite.

No dia e horário marcado lá estava eu na frente da casa do seu Nazareno. Fui de bicicleta, ainda estava escuro pois o gerador da comunidade só ligava tempos depois. Ele me recebeu na varanda de sua residência e lá ficamos conversando há poucos metros da rua. Ficamos só nós dois conversando por horas e ele apresentou experiências com os encantados que vivenciou e outras que pessoas próximas, como o pai dele, vivenciaram.

Dentre as histórias que seu Nazareno contou está a do Navio da Sereia que aparece no episódio “Outros Encantados” que ele mesmo presenciou. Não foi conto de pai, de mãe, de outra pessoa, foi experiência dele mesmo.

Olha eu vou contar a história do Encantado. Mês de outubro do ano de mil novecentos e setenta e três.

Eu estive na praia do Pau da Letra, de noite. E aí tava eu mais um amigo, nós tavamos deitado na praia... A lua tava sentando e eu acordei. Eu vi que a lua ia sentando. Aí, eu chamei o amigo pra gente...voltar pra lá pro São Tomé, morava no São Tomé. E no que eu acordei, mas fiquei de bruço assim na areia, aí de repente eu vi pisar... pegada na areia e veio no meu rumo, a pegada de uma criança veio no meu rumo. Chegou lá, sacudiu, pegou no meu cabelo e sacudiu e disse assim: "olha, levanta, acorda..."

Repara o que está chegando perto de vocês aí." E eu fiquei com medo de levantar a cabeça pra enxergar quem era que estava sacudindo a minha cabeça, pegando meu cabelo. Aí eu estava acordado, mas eu estava de bruço. De repente aquela aquela pegada voltou.

Depois a pessoa saiu correndo pra lá, não era uma pessoa era uma pegada duma dum duma, um aviso. Aí quando eu levantei a cabeça assim, eu vi o clarão da minha sombra na praia todinho Meu Deus. O que será isso? E aí eu virei assim pro rio. Quando eu virei lá pro rio vinha um navio grande, entendeu? Bem de uns três, quatro andares.

Cheio de passageiros, só marinheiro, tudo de branco. E o navio vinha chegando pra praia, lá onde nós tava mais ou menos uns cinco metro da praia pro rio. Ali é fundo no Pau da Letra, né? [inteligível] Aí eu vi que era uma coisa diferente, eu sentei pra observar bem, meu Deus será que eu estou acordado? Será que eu estou normal? Olhei pra todo lado e eu digo não, mas eu estou normal, viu.

Aí eu chamei o parceiro, chamei, chamei. Ele respondia, mas não levantava. Chamei de novo aí pela terceira vez eu chamei, aí ele disse "o que é?" Digo, levanta e senta, senta pra ver o que que está chegando perto de nós porque ele levantou ele disse assim: "Nazareno mano! É o navio da sereia!" Então, eu disse: "olha, nós não vamos correr.

Sente e preste bem atenção pra você contar", isso aqui não é mentira... É uma história, isso foi verídico, foi verdade, eu vi. E aí, aquilo veio chegando, que quando veio chegando aí eu disse: "agora sim, agora vamos levantar e vamos correr." Aí corremos. Quando nós chegamos na ponta da sereia, o navio se desatracou da praia do Pau da Letra e saiu focando assim pra cima aquela coisa bonita num holofote. Aí foi... conforme nos viemos pela beira...pela praia correndo ele ia nos seguindo por água. Aí foi até uma certa parte quando nós chegamos lá no São Tomé que subimos lá pra cá. Aquilo ficou. Aí pro meio do rio. Então, essa é uma história verdadeira, que eu vi, tenho o prazer de contar porque estou com vida graças a Deus. O colega que viu também já foi, né? Então essa é uma história que

eu...Eu adquiri de mim mesmo, não foi conte de pai, de mãe, de alguém, não, eu de mim mesmo. (entrevista com Nazareno Oliveira, 12/02/2023).

João Moreira da Conceição, 73 anos, vila de Boim, Santarém-PA – O seu João Moreira é popularmente conhecido como João Tabaco. Conheço ele desde a infância, morávamos próximos e eu estudei com os filhos dele.

Durante boa parte de sua vida, ele caçava, coletava castanha, pescava, tinha uma relação muito próxima com a natureza, principalmente, dentro da floresta pouca explorada pelo homem. Por isso tudo, era um forte candidato a ter vivências com os seres encantados.

Fui até sua casa numa tarde de bastante calor. Ele estava na companhia de um amigo. Pedi licença para eles, expliquei a proposta e foi uma conversa amistosa. A entrevista foi no quintal mesmo e os dois foram contando, as vezes um de cada vez, outras vez se complementavam.

Numa das histórias, seu João Moreira conta que um homem foi transformado em um porco queixada (porco do mato), porque ele perseguia os porcos até mesmo no dia de domingo. Ele só foi poupado da morte porque ele dava putava para seus vizinhos, ou seja, era uma pessoa que fazia boas ações. Putava é a doação de alimentos que as pessoas ofertam umas às outras, por exemplo, determinado pescador ao pegar muitos peixes, doa alguns para seus vizinhos, isso é a putava.

Eu vou contar uma do Queixada. Eu tinha um amigo, que ele gostava de caçar todo domingo, e caçava atrás de queixada.

Quando foi um belo dia, todo domingo ele ia. Quando ele matava, ele dava um pedaço pro vizinho, o que salvou ele um pouco. Aí, quando foi um domingo, deu com um bando de queixado e correu atrás. Quando ele ia passando, tinha uma velha.

Ela jogou o laço nele. Vapo, já era porco [a velha transformou ele em porco]. E corre, corre, pião atrás, correndo, e atirando. E... Quando foi de tarde, eles vararam no acampamento. Uma casa grande mesmo.

Aí ele... Tava lá. Ela gritou. O lote foi todo pra lá, ele era o último. Pra lá tinha ficado a espingarda dele, tinha deixado. Ela disse, olha, é assim que é o sofrimento de uns porcos desses, viu? Você não ficar geralmente com nós aqui porque você dava uma putava pro seu vizinho, que vai lhe salvar. Mas, aguente aí, só vai daqui de manhã. Reservou um lugar pra ele e ele ficou lá cansado. E ela ia lá, tá vendo como eles estão roncando baque de correr, e o cara cansado também.

Aí quando amanheceu o dia, a velha soltou o bandarão. Ele ficou lá, era porco ainda. Ela veio, bora comigo. Levava a espingarda dele. Ela pegou na orelha dele e vapo, puxou a capa saiu. Aí o cara, sem rumo, ficou até doido da cabeça. Ela disse olha é pra ali, tá ali sua espingarda, rumo da sua casa é prali, pode ir que vou ficar aqui lhe aguardando. Isso foi um caso que aconteceu. (entrevista com João Moreira, 12/12/2022)

Cosme Jesus Soares, 63 anos, vila de Boim, Santarém-PA - Seu Cosme é popularmente conhecido como Gorgônio. Também o conheço desde a infância. Segundo o que ele conta, tem uns 40 anos de experiência na mata. E é de se acreditar. O seu Cosme é daquelas pessoas que passa mais tempo na floresta do que em casa. Foi difícil encontra-lo. Fui várias vezes na casa dele, em diferentes dias e ele estava caçando ou extraindo alguma matéria prima da floresta.

Seu Cosme é o amigo que encontrei na casa do seu João Moreira. Ele apresentou vivências com a Curupira, inclusive cantou uma música que fez em homenagem à Mãe da Mata. Ele ainda trouxe histórias sobre o Taú, o pássaro que come gente e sobre a Macaca Guariba.

Uma viagem eu fui num lugar chamado Xituba, que fica entre Xituba e Apuí [lugares na floresta da vila de Boim]. Eu fui numa espera, numa árvore de jatobazeiro. Aí quando foi aquela hora, a Curupira começou [assobio da Curupira].

Te quieta pra lá Curupira, que eu não vou te mexer não.

E ela continuou, né? [assobio da Curupira] É, tu tá no teu lugar. Tu tá na tua casa, eu vou descer, eu vou no barraco.

Aí eu peguei um dente de alho, fiz cruz no pau, lá.

[assobio da Curupira] Ela continuou assobiando. Só que ela é invisível, a gente não enxerga ela. Mas que é a Curupira, é.

Aí tudo bem. Fiz fogo no barraco, eu deitei e dormi. Foi de manhã cedo.

Eu fui de novo lá pra espera. Ela não surgiu mais. Eu tava lá, tinha um pau grande assim, alto. Aí pra cá só tinha uma entrada da caça. E quando eu tava olhando lá, e quando eu vi, vi um veado. Mas não era um veado, era o formatura da Curupira. (entrevista com Cosme Soares, 12/12/2022)

Oneide Cardoso, 81 anos, aldeia de Pinhel, Aveiro-PA – A dona Oneide foi a principal referência quando chegamos em Pinhel em busca da história do Patauí, o andarilho das noites. Ela estava em semana de luto pela perda de seu irmão e, por conta disso, foi uma conversa muito emocionante.

Quando chegamos em sua casa, ela estava lavando louça. O microssistema de abastecimento de água tinha voltado a funcionar aquele dia, após dois dias com problema. Aguardamos ela terminar o trabalho e depois fomos ouvi-la.

Um jeito peculiar da dona Oneide ao contar histórias é que ela vai explicando todos os detalhes o que facilita muito o entendimento, principalmente pra quem não é da região.



Figura 8 - Dona Oneide em entrevista as vésperas da festividade de São Benedito - Foto: Palestina Israel (2022)

Conversamos por cerca de uma hora e ela explicou em detalhes a história do Patauí, das festividades do São Patrício e da festa do gambá que acontece no último fim de semana do mês de junho.

Oneide: Vinte e oito de junho ele gostaria de vim na festa, né? Andava de uma hora em diante ele se afastava, né? Eu tinha a idade de quatorze ano quando eu conheci Patauí, né? Conheci Patauí. Ele morava bem aqui nesse igarapé, bem aqui ele se vestia, a vestimenta dele era calça azul, camisa branca de mangas comprida e chapéu de massa. Né? Chapéu antigo e de massa. E ele vinha na festa, era um rapaz bonito e tinha certas moças que ele agradava, né? E ele...quando ele não conseguia levar para o encanto dele, ele fazia, dava uma olhada, dava uma flechada, né?

Aí não passava vinte e quatro horas a pessoa morria, né?

Maickson: O que que seria uma flechada pra quem não conhece?

Oneide: Eh, pra quem não... não conhece o que é uma flechada é aquele mau olhado, sabe? Em nossa, na...nossa linguagem hoje, eh, do tempo passado se tratava como flechada, né? Então, é só aquele ... aquelas ... aqueles mau olhado forte que a pessoa às vezes sente uma dor de cabeça, uma dor de cabeça...

Um mal estar está muito perigoso, né? Aí naquele tempo existia os sacacas, sabe? Os sacacas eram aquelas pessoas que curavam e matavam também, né? Era os sacacas. E aí quando ele dava aquele...aquele mau olhado, eles iam chamar os sacaca. Então aquela pessoa não escapava, né?

Ele matava, ele levava e era aquela coisa que ele fazia, né? O Patauí. Depois de muitos tempos que ele já estava fazendo coisas muito perigosas aqui, né, afastaram ele. O Patauí, né? Aí o que que ficou na vaga do Patauí: ficou o Lavrajé.

(entrevista com Oneide Cardoso, 17/02/2023)

O Lavrajé citado por dona Oneide é o filho do Patauí, um encantado mais bondoso, ao contrário da versão do pai. O Patauí que durante muitos anos fez vítimas fatais em Pinhel foi afastado pelos sacacas, que são grandes pajés curandeiros. Nos dias atuais, apenas o Lavrajé é 'visto' percorrendo as ruas das comunidades durante a madrugada.

Dona Oneide além de contadoras de histórias, também é benzedeira. Ela não se vê como curandeira. “As pessoas vêm pra mim benzer, rezar, jogar banho neles, né? Eu acho que eles têm uma grande confiança em mim. Eu faço isso, não tenho medo porque nasci com isso que Deus me deu”.

Darcy Silva, 82 anos, aldeia de Pinhel, Aveiro-PA – A dona Darcy é professora aposentada e ex-gestora da escola da comunidade de Pinhel. No dia da entrevista, chegamos no horário do almoço e tivemos que aguardá-la almoçar e, ainda, o descanso pós almoço que é sagrado para ela.

Conversamos na sala da casa de dona Darcy. Por questões de saúde, ela tem um jeito bem sereno de contar histórias o que torna o momento ainda mais especial. Ela nos contou também sobre o Patauí, informações que agregaram ao que a dona Oneide já havia trazido, mas ela nos apresentou a história do Macacão, outro encantado da região.



Figura 9 - Dona Darcy em entrevista as vésperas da festividade de São Benedito - Foto: Palestina Israel (2022)

E o macacão ele mora, eles tem um buraco bem aí. Aí mês passado não tinha água né o pessoal desceu pra tomar banho. E aí eu ainda estava varrendo o meu terreiro.

Quando eu vi eh já ia dar seis horas. Aí eu eu escutei o povo já vinha tudo...Tudo subindo, né? Se reuniu povo tudinho ia pro Igarapé tomar banho. Eu disse, meu Deus, aí eu peguei meu balde, saí correndo, cheguei lá, mergulhei, olha, já tá chegando seis horas, já tem minha aquela já é a escuridão, né? É, tem o que de coisa de noite, né? Aí eu, eu, eu vim de lá ligeiro, quando eu chego bem aí nesse caminho, que sobe, e sobe um de lá, venham daqui...

E tem o o que aí essa beirada. Aí eu vi ele ligeiro que quando eu suspendi a minha visão, olha, lá vem ele andando. Pretão, muito grande, eu disse meu Deus me livre. Aí eu parei, né? Porque ele vinha no caminho daqui da mata, eu vinha no caminho daqui do Igarapé. E se eu continuasse nós ia se encontrar, né?

E tinha o caminho que passava aqui pra pra comunidade. Aí eu parei lá, parei, aí eu botei minha mão assim, ó. Que não era pra ele olhar minha cara. Aí eu pedi pra Deus que por ter essas coisas assim, ele olhava a pessoa não escapa, né? E aí eu parei lá e ele ele não parou, veio andando.

Maickson: A senhora acha que se tivesse lhe olhado...Se a senhora não tivesse tampado a sua cara é assim ela ia acontecer alguma coisa?

Oneide: É eu porque eu eu tinha isso né que os curadores diziam que quando topasse assim essas coisa, tinha que cobrir o rosto pra ele não não olhar, né. E olha aí eu disse meu Deus me livra, aí eu eu botei minha mão assim, e eu abri meus dedo pra ver como que ele ele pois ele não olhou pra mim, eu pedi pra Deus, que ele não olhei aí ele veio oh ele caminho bem aí... então...Veio andando né ele vinha nesse caminho da mata, e eu vinha naquele caminho lá do Igarapé que vem né tem um caminho e eu parei lá, né. Aí ele continua andando parou quando ele chegou nesse caminho e tu ia passar, ele não pisou, ele deu um pulo, daqui do caminho que ele vinha da... pra lá, pro lado do do curvão de lá.

Eu nunca fui pra lá umas contas acho que é um buraco escuro que lá é a casa deles ele sai pra ir pastar quando é seis horas ele ele vem pra dormir. Aí eu eu botei minha mão assim. Aí ele veio, veio. Mas ele não me olhou. Ele veio direto mesmo, né? Chegou lá no caminho, viu? Ele só deu um pulo. Pulou, quando eu vi fui a carreira dele. Meu Deus. (entrevista com Darcy Silva, 17/02/2023)

Dona Darcy teve um encontro com o encantado por volta das seis horas da tarde, que é considerado um dos horários sagrados no universo das

encantarias, além de meio dia e meia noite, ou seja, certos lugares devem ser evitados nessas horas, principalmente, morada dos encantados, rios, igarapés e floresta. Ela fechou os olhos para não vê-lo porque se olharmos certos encantados nos olhos podemos receber a flechada, que é um mal estar muito forte, dor de cabeça, dor no corpo, o que pode levar até a morte em alguns casos.

Francisco de Assis de Oliveira, 71 anos, comunidade de Feliciano, Tefé-AM [in memoriam] – Visitei a comunidade de Feliciano, no município de Tefé, no Amazonas através do Joel Silva, colega de mestrado. O Joel era professor na comunidade de Feliciano e foi meu guia local junto aos contadores. Seu Francisco era pai da dona da casa onde fiquei hospedado em Feliciano. Trabalhava com o transporte de barco dos alunos que moram em comunidades próximas à comunidade. A nossa conversa foi embaixo de uma mangueira, na frente da casa dele, com a vista ao Lago de Caiambé.



Figura 10 - Entrevista com seu Francisco às margens do lago de Caiambé. Foto: Joel Matias (2023)

No mês de abril desse ano, o seu Francisco de Assis ancestralizou. Fiquei muito triste, obviamente, mas o que deixa um pedacinho de consolo é saber que a voz dele está perpetuada e que seus descendentes poderão ouvi-lo contando história do Janauí e do Caboquinho, parceiro da Curupira.

Maickson: O Janauí, então ele é...meio, ele existe, mas ele é meio...

Francisco: Isso, eu quero dizer que é assim também encantado

Maick: demoníaco?

Francisco: É.

Maickson: Boa coisa ele não é.

Francisco: Boa coisa ele não é, porque fez isso com os homens...

(entrevista com Francisco Oliveira, 13/09/2023)

Seleção das Histórias

Durante a coleta em campo, o importante é garantir o máximo de histórias possíveis, logicamente que dá para perceber pelo tato de jornalista e de contador de histórias, de certa forma, quando uma história pode render um episódio do Pavulagem. Mas, apesar de algumas vezes entrevistarmos um contador por determinada história, algumas vezes, durante a contação podem render outras histórias.

A viagem ao município de Maués, no Amazonas, por exemplo, era em busca da história do Anselmo, um morador de Maués como qualquer outro. Na verdade, nem tanto assim. Ele apresentava poderes que o tornavam diferente dos demais como transformar folhas de árvores em dinheiro ou gravetos em cobra. Os moradores de Maués contam que o Anselmo é um semi encantado, ou seja, filho de mãe humana com pai encantado. Ele era um grande pescador, certo dia saiu para pescar e nunca mais voltou – pelo menos não para ficar. Alguns dizem que ele frequenta festas, outros dizem que ele se transformou numa cobra. Sua morada é numa cidade que fica submersa em frente a Maués,

próximo da Praia da Ponta da Maresia onde costumam fazer a festa da Rainha do Guaraná e outras festas de verão. Por conta do desrespeito na casa do Anselmo, alguns humanos costumam morrer vez ou outra.

A história do Anselmo chegou até mim durante uma aula do mestrado. Uma colega de Maués comentou sobre o encantado e senti que aquela história renderia um belo episódio. Fui a Maués, além da história do Anselmo também conheci a história da Sereia da Árvore, uma encantada que tem morada no interior do município.

Algumas vezes, temos uma história, mas ela por si não tem potencial para render um episódio. Deixamos-a no forno e continuamos o trabalho em campo e, por sorte ou força dos encantados surge alguém que fomenta aquela história numa das contações, daí passamos a ter material para um episódio. Normalmente, temos mínimo de três contadores para cada episódio. Isso nos garante além de bastante material bruto, também a possibilidade de detalhes da história que um contador traz que o outro não havia mencionado, além, ainda, de variações na própria história que ocorrem com o tempo e com o território que é contada, riquezas que a oralidade nos presenteia.

Outras vezes, porém, não conseguimos material suficiente para uma história mesmo ouvindo diversos contadores. A história que o seu João Moreira apresenta do homem que foi transformado em porco queixada é um bom exemplo, além de algumas outras. Sem contar que muito material coletado fica de fora, daí o interesse de produzir outras mídias a partir de toda essa riqueza coletada.

Diário de Bordo

O diário de bordo é uma das etapas mais importantes para a construção de cada episódio. Apesar do Pavulagem ser feita por várias mãos, na etapa das coletas das histórias só eu da equipe que vou a campo. Portanto, é fundamental que tudo seja registrado e, preferencialmente, gravado em áudio.

Assim, a cada início de viagem o gravador fica a postos nas mãos, celular e também um caderno para outras anotações. No fim do dia é gravado um áudio descrevendo como foi a atividade, os principais destaques e é feito uma espécie de relatório sobre a história, sobre os contadores, sobre a viagem e as demais peculiaridades. Tudo isso ajuda no entendimento do Encantado e, sobretudo, na produção do roteiro.

Na viagem para a produção do primeiro episódio da segunda temporada do Pavulagem 'Nhãpirikuli: o começo de tudo' aconteceu um contratempo na viagem de Manaus para São Gabriel da Cachoeira. Na chegada ao município mais indígena do Brasil, o avião não conseguiu pousar devido as condições meteorológicas que impediam a visibilidade da pista. Ficamos sobrevoando por cerca de meia hora e a tripulação fez um anunciado comunicando essa situação que eu consegui gravar e aparece na abertura do episódio.

Parte técnica e pós produção

Em campo para gravação das entrevistas com os contadores o material utilizado, buscando a melhor qualidade possível de áudio, é um gravador Zoom H5 Handy Recorder e um microfone direcional Rode NTG-2.

A gravação da narração é realizada em estúdio de som, uma norma para podcasts com o selo Original Spotify.

O Pavulagem é um podcast roteirizado e, antes da gravação é realizado uma leitura coletiva com toda a equipe de produção para ajustes e adaptações finais.

O desenho de som e montagem é da Marianna Romana. Ela é responsável por toda a produção sonora do Pavulagem, a partir dos áudios dos entrevistados, locução de apresentação e toda a ambientação a partir do banco de sons do Museu Imaginário de História Natural da Amazônia.

Trilhas da Pavulagem

Os diálogos da pavulagem enveredam por muitos caminhos da imensidão que é a floresta amazônica. Na primeira temporada, a maioria das histórias do Pavulagem estão amparadas, principalmente, nas histórias que eu cresci ouvindo, portanto, estão no entorno da vila de Boim nos municípios de Santarém e Aveiro no estado do Pará e nos municípios de Iranduba, Manacapuru e Manaus no estado do Amazonas com o qual me conectei vivendo na região metropolitana da capital amazonense.

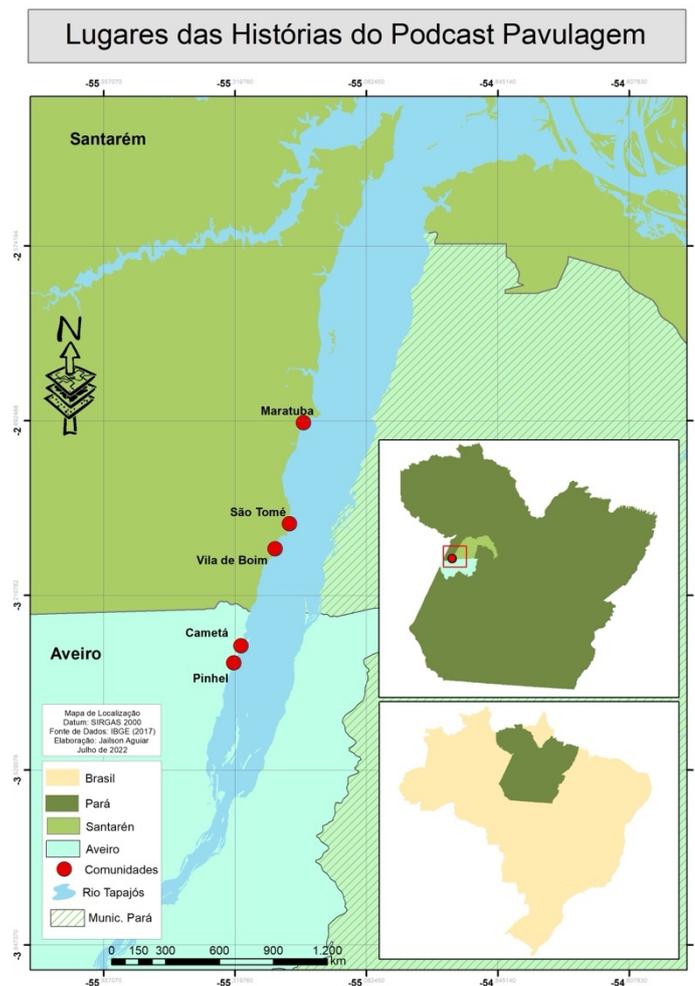


Figura 11 - Lugares das histórias da Pavulagem no Pará - 1ª temporada - Fonte: Jailson Aguiar (2023)

Na segunda temporada, viajei mais pela Amazônia, me embrenhei na mata, atrás de contadores e contadoras de todos os cantos da floresta. Eu ouvi deles histórias que são novas até para mim. Adentrei ainda mais nos estados do Pará e Amazonas e visitei pela primeira vez o estado de Roraima. Oito municípios, andei de barco, lancha, avião, bicicleta e canoa. Visitei comunidades ribeirinhas e comunidades indígenas.

Conheci a origem do mundo na visão dos povos indígenas, que fez muito mais sentido para mim que as teorias trazidas pela Igreja ou pela Ciência. Para contar essa história viajei para o município mais indígena do Brasil: São Gabriel da Cachoeira no Amazonas.



Figura 12 – Estados visitados para as entrevistas das histórias do Pavulagem nas duas temporadas - Fonte: Arquivo Pessoal

O município de São Gabriel faz divisa com Colômbia e Venezuela. Na minha cabeça, não tinha lugar melhor para começar a nova temporada do Pavulagem. Nove em cada dez habitantes da cidade são indígenas e segundo os povos Baniwa e os Baré foi em São Gabriel da Cachoeira que o mundo começou a ser criado.

Além do lugar que deu origem ao mundo, a Pavulagem também desembarcou numa vila de pescadores de Ajuruteua, no Pará, ondem moram 85 famílias. A vila é formada por casas de palafitas que ficam rodeadas por mangue, pela maré e pelo mar. A maioria da população vive da pesca e a comunidade fica dentro de uma unidade de conservação.

Possivelmente, um manguezal não seja a primeira coisa que venha à sua mente quando se pensa na Amazônia, mas esse tipo de ecossistema ocupa cerca de 8 mil quilômetros da floresta, fazendo com que seja considerado o maior cinturão de manguezais do mundo.

A academia também me apresentou histórias para a Pavulagem. Dois colegas de mestrado me apresentaram três histórias de encantados que decidi contar a história. Um deles, o Joel Matias falou sobre os encantados Janauí e o Caboquinho.

O Joel trabalha como professor de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental na comunidade ribeirinha de Feliciano, em Tefé, no Amazonas. Um de seus alunos contou para ele que a Curupira tinha marido e ele logo correu para me contar, afinal, uma fofoca desse nível não poderia morrer ali. Alguém tinha que apurar isso direito e eu logo me candidatei.

Peguei um avião até o município de Tefé e depois fui de lancha para Feliciano, onde os contadores me esperavam. Ali, o Joel já tinha conversado com os contadores sobre o meu trabalho e eles me contaram sobre o Caboquinho e o Janauí.



Figura 13 - Visita a Casa do Caboquinho com professor Joel, seus alunos e o contador - Fonte arquivo pessoal

Outra colega, a Carla Rangel, contou sobre um encantado bem diferente dos demais. Na mitologia grega, há os semideuses que são frutos de um romance de uma noite só entre humanos e deuses. Podemos citar Hércules, Perseu, Teseu, Aquiles entre os mais conhecidos. Eles herdaram alguns dos poderes de seus pais, continuam sendo humanos, mas são humanos extraordinários, dotados de poderes sobrenaturais.

Na Amazônia também sempre ouvimos histórias de Encantados que se encantaram por um humano e cujo namoro resultou em uma criança um pouquinho diferente das demais. É o caso de Maria Caninana e Honorato, José e Maria, do Macacão... todos apresentados na primeira temporada do

Pavulagem. Poucos desses Encantados tiveram as suas histórias documentadas para além do registro oral.

Carla Rangel é nativa da cidade de Maués, que é considerada a terra do Guaraná. Ela falou, numa das aulas do mestrado, a respeito de um antigo morador da sua cidade: o Anselmo.

De início, eu confesso que esperava se tratar de um cidadão comum. Só que o que ela disse em seguida, naquela sala de aula, fez com que eu pegasse um avião para Maués, que fica a uma hora de voo de Manaus e decidisse contar essa história.

Eu nunca tinha escutado a história de um Encantado que tivesse vivido por tanto tempo como um cidadão comum, com casa de alvenaria, sobrenome e família conhecida. O Anselmo não tinha só nome de “gente”, ele era gente como a gente.

Numa dessas trilhas da Pavulagem foi também que conheci a Origem da Noite, percebi que um tempo sem noite já existiu. E não importa em que lugar do mundo a gente esteja, quando o sol gentilmente cede o seu lugar às estrelas e à lua, a escuridão é um convite à nossa imaginação.

Era durante a noite que, na minha infância, a tia Maurícia me contava todas as histórias que me encantaram, apavoraram e me fizeram crescer. É durante a noite que as nossas mentes conseguem, finalmente, repousar e sonhar. Mas não é só isso, não. A noite despera na gente sentimentos profundos e antagônicos. Tudo fica mais calmo, mas, ao mesmo tempo, mais perigoso.

Sem a noite, não haveria o Pavulagem ou qualquer outra coisa que, um dia, já foi sonho de alguém. E esse trilhar do Pavulagem, é uma busca para que as narrativas voltem para as nossas mãos. Que possamos contar nossas próprias histórias.

CAPÍTULO 03 - TRAJETÓRIA DO PAVULAGEM

Assim como pedi licença para colocar o meu pé aqui, também peço licença para contar a trajetória que a Pavulagem me conduziu. Nesse último capítulo, apresento os caminhos que o Pavulagem tem me guiado.

Mas, afinal, por que Pavulagem? Porque eu acredito que está tudo bem a gente querer se mostrar e se aparecer. E é isso que a gente quer: que o nosso povo, nossas histórias, nossa memória e nossa cultura apareça. No melhor sentido da palavra.

E que histórias são essas? Histórias com H maiúsculo. Histórias da minha gente, da nossa gente, histórias dos seres encantados da floresta amazônica. Encantados, que na nossa visão, são os seres que animados por forças desconhecidas habitam o céu, as selvas, as águas ou os locais sagrados.

É difícil entender os encantados. Talvez a principal lição que eles venham nos ensinar seja exatamente oposta a uma busca de significado: nem tudo precisa de explicação.

E por não ter explicação, não significa que não existe. Nós acreditamos, temos medo, sentimos a presença dos encantados das mais diversas formas. Curupira, Boto, Matinta Pereira, Jurupari, Mussum Kuara e muitos outros.

Os Encantados podem ganhar formas variadas na cabeça de cada um. E nesses anos todos eu entendi que isso não tem tanta importância. No universo das encantarias tudo tem tamanho, forma e cor que a sua imaginação permitir. E talvez esse seja um dos grandes encantamentos da floresta: tudo pode ser e acontecer.

A Curupira, por exemplo, desde muito cedo descobri que era a mãe da mata. Que é invisível, mas que pode se transformar no que ela quiser. Pode aparecer na forma de uma grande borboleta para uma pessoa, para outra pode surgir na forma de um veado. Algumas pessoas, podem somente sentir a sua

presença através de um arrepio que percorre todo o corpo ou ouvir um assobio forte no pé do ouvido. Porém, entre todos há uma única certeza: ela tá ali, é a guardiã, a protetora da floresta.

Pra você ver ela pessoalmente assim, dizer assim: ah lá está ali a Curupira, isso eu acho uma coisa que não existe. O que existe é que ela é invisível. Porque uma vez eu saí pra caçar, aí pedindo pra Deus que eu topasse uma anta. Descendo pra beira, aí eu fui, caí na água, fui por água, atirei na anta que caiu.

Aí eu fui pegar a cachaça e botar lá no meio de um palhau que tinha. Quando eu botei a cachaça, dobrei a costa e lá eu vi um bicho, uma borboleta grande. Aquilo era a Curupira. Ela se transforma no que ela quiser. (RAMOS, Tiago, Podcast Pavulagem, episódio 01 – Curupira Mãe da Mata, 2022).

Nessa jornada de produção do podcast Pavulagem também fui apresentado a novas histórias, novos encantados. Eu já conhecia vários, mas percebi que há muitos outros que são conhecidos apenas em alguns territórios. Algumas vezes, me vi fazendo uma espécie de troca, ouvia e aprendia sobre um novo encantado e contava a história do encantado que é somente do meu território.

Isso também demonstra a grandeza que é a floresta amazônica. Nasci e moro há mais de três décadas e a cada viagem aprendo um pouco mais. Apesar de conhecer muitas histórias, há muitas outras histórias a serem aprendidas e versões diferentes para uma mesma história que enriquecem ainda mais esse universo das encantarias.

O Patauí, por exemplo, é um encantado da região do Tapajós, especificamente da comunidade de Pinhel, município de Aveiro, no estado do

Pará, Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns. Pinhel é conhecida pela festa de São Benedito, que acontece em junho, há mais de 300 anos.

Dentro dessa festa, acontece o Festival do Gambá, com muita dança folclórica. O festejo ganhou esse nome por causa do tambor, um instrumento musical. Ele é revestido com couro de animal. Nem sempre de gambá ou como a gente conhece por aqui, de mucura, mas por ter uma catinga forte, foi batizado com o nome do bicho. Catinga vem do Tupi *kating* (exalar mau cheiro).

É o tambor que puxa as músicas e também os causos e crenças da comunidade. Mas, se engana quem pensa que a Festa de São Benedito e do Gambá é só dança e alegria. Dizem que todo fim de festa, um encantado chega a Pinhel sem ser convidado. E antes do sol nascer: ele tira a vida de um dos frequentadores.

Cerca de três horas de barco separam Pinhel da minha comunidade, vila de Boim. O Patauí também circula durante as madrugadas pelas ruas das comunidades ribeirinhas e aldeias indígenas do entorno de Pinhel – considerado a sua casa.

Ele tem um assobio bem característico e no dia a dia quando passa pelas comunidades os cachorros latem anunciando a sua presença. Segundo os contadores, quem o enxerga tem náuseas e muitas dores de cabeça. Morre mesmo somente na época do festival.

Cresci ouvindo sobre o Patauí e as mortes atribuídas a ele no Festival do Gambá. Devido ao histórico dele, minha mãe nunca permitiu que eu participasse do Festival do Gambá.

Muitas pessoas da região só souberam do Andarilho das Noites através do podcast Pavulagem. Na comunidade de Feliciano, município de Tefé, estado do Amazonas, eu aprendi uma importante informação sobre a Curupira. No início do Pavulagem eu busquei desfazer a imagem que a televisão brasileira fez da Curupira ao longo dos anos.

A principal tarefa foi contar para todo mundo que ela era uma 'mulher' e não um menino de cabelos e pele cor de laranja, como foi mostrado em todas as versões de O Sítio do Pica Pau Amarelo, seja para a TV ou nos livros ilustrados.

Tenho muito orgulho desse episódio e acreditava que, depois dele, o meu trabalho a respeito da Curupira estava feito. Só que a floresta é gigante. E esses seres têm anos e anos de encantamento sob a terra, sempre vai ter um detalhe aqui e outro acolá que vão escapar. E foi na comunidade de Feliciano que eu descobri que a Curupira tem um parceiro: o Caboquinho.

São as variações que a riqueza da oralidade possibilita as histórias. Na vastidão da Amazônia, onde a densa floresta ecoa com os segredos da natureza e os murmúrios dos rios, a riqueza da oralidade se desenrola através da contação de histórias de encantarias. Nesse vasto território, permeado pela diversidade cultural das comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas, a oralidade se destaca como um meio vital de transmitir conhecimento, valores e a conexão profunda com a natureza.

As histórias de encantarias na Amazônia são mais do que narrativas, são vínculos entre passado, presente e futuro, entre o humano e o divino, entre as criaturas da floresta e os habitantes que respeitam e compartilham esse espaço único. Essas histórias não são monolíticas, mas sim multifacetadas, adaptando-se às diversas perspectivas das comunidades que as contam.

A diversidade de visões enriquece as tramas, permitindo que cada narrador adicione sua própria interpretação, criando assim uma tapeçaria cultural intrincada e dinâmica. Essas histórias não estão congeladas no tempo, são vivas, evoluindo à medida que são contadas e recontadas, preservando a identidade cultural e a sabedoria ancestral.

A oralidade desempenha um papel fundamental nesse processo. Em uma região onde a escrita muitas vezes não é a forma predominante de comunicação, a transmissão oral é a guardiã da história. As palavras ganham vida quando são pronunciadas, carregando consigo entonações, gestos e

emoções. A contação de histórias se torna um evento participativo, onde o ouvinte é envolvido na narrativa, compartilhando não apenas a informação, mas também a experiência sensorial e emocional.

A tradição oral na Amazônia é um meio de resistência cultural, resistindo às mudanças rápidas e desafiadoras impostas pela modernidade. As histórias de encantarias são um fio que conecta as gerações, mantendo viva a essência da Amazônia e proporcionando uma compreensão mais profunda do papel interdependente entre os seres humanos e a natureza.

A riqueza da contação de histórias de encantarias transcende o simples ato de narrar contos; é um eco cultural que ressoa pelas copas das árvores, fluindo pelos rios e ecoando nos corações das pessoas, mantendo viva a tradição oral que é um tesouro inestimável da região.

O Pavulagem vai além do podcast, além das duas temporadas com 24 episódios, cada um falando sobre um ser encantado da floresta amazônica. O Pavulagem é presente, doação, momento íntimo com os contadores, que abrem a porta de suas casas e compartilham histórias, memórias, cultura, afeto e conhecimento. Percebi que a minha maior biblioteca está na mata. Junto com os bichos e os contadores.

Contadores como o seu Tiago, Lailson, seu Pedro, dona Maria, dona Oneide, dona Margareth e muitos outros. Contadores de várias gerações, de diferentes povos e de diferentes territórios. Para entrevistar alguns, precisei viajar por mais de 30 horas de barco para se ter uma ideia que a Amazônia é imensidão. E a cada passo que damos aqui, por entre a mata, damos de cara com um universo desconhecido, muito mais antigo do que o primeiro dos homens — e bem menos racional do que ensinam na escola. Eu estou falando de sabedoria ancestral.

No Pavulagem, as histórias fazem parte do cotidiano desses contadores. Eles são suas próprias histórias, estão ligados diretamente e profundamente. Não há como dissociar um do outro.

E essa relação é tão natural, tão peculiar que pode ser observado de diversas formas, por exemplo na narração de cada contador que é fomentada com elementos próprios e que revelam uma identidade do contar histórias. O sotaque, o gestual, o imitar de um bicho, o grito, a pausa, as elevações do timbre da voz, os sons da natureza, a noite, dentre outros elementos que fazem parte desse contexto.

Num dos diálogos da Pavulagem, uma contadora narra a história do Jurupari - o demônio da floresta. Num curto trecho da conversa ela apresenta vários elementos para além da voz.

F: A gente escutava a zoadá na terra, aquele do mesmo de bicho, sabe como é de bicho aí. Abria a boca pra gritar. Aaaah, mas disse daí eu lembro. É hoje eu nunca esqueci não. Era medonho, sabe? Que era medonho.

M: E o que era?

F: Aí era o grito, eles diziam que era o Jurupari. Que descia aí. Aí ele descia no rumo da beirada.

F: Descia pra cá quando era lá pro lado da madrugada ele voltava. Aí dizia: olha ele já vem subindo a serra. Já contornava a gritar, e passava gritando pra lá. Aí (pigarro) desde essa vez o papai disse que ele não ia mais morar lá, ele ia abaixar, fazer uma casa na beira e a gente não foi mais pra trabalhar pra lá não.

M: Com medo do Jurupari

F: Com medo do do do bicho porque, né? O que espingarda nós não é como tem agora, era a espingardinha tudo...

F: ...que não valia nem pra só mesmo pra correr de medo. Né? Aí eu não sei se ainda existe esse esse bicho até hoje, mas eu acho que existe.

M: O que que a senhora acha que podia acontecer assim?

F: Eu eu acho que ele podia acontecer que se esse bicho vai lá que era uma casa assim só era coberto de roçado, nós lá. Ele chegava, ele comia quanto ele quisesse, nós que estava lá, né, dormindo. Então segurando o cachorrão, mas que gritasse o cachorro então ele sentisse alguém....

F: ...que fosse lá e não ia comer. Gente ia acontecer que ia comer, né? Eu tenho certeza que ele ia comer, aquele aquele bicho ia comer, porque era medonho a gente ficava tremendo assim com medo, e do grito.

M: Ainda lembra como era o grito?

F: Ai Deus do céu, né? Eu, eu lembro mas eu não sei como imitar. Ahhhhhh! Abre a bocona aí.

F: Mas era longe que tomava conta da mata. E Deus defende.

M: De dia, de noite?

F: Não, de noite. Eu sei apesar eu não quero nem lembrar disso. Mas é a medonho. Eu lembro de...

M: E causa medo até hoje?

F: Me causa sim.

(ALBUQUERQUE, Fatima. História do Jurupari, 2022)

O Podcast Pavulagem é mais que ideia. É o que sou hoje, é meu contato com a minha ancestralidade. Representa o que sou e de onde eu vim. É eu me enxergar como contador de histórias e, finalmente, fazer algo que amo e que é o meu propósito.

Lá na introdução eu pontuei que o pávulo quer ser o que ele não é; a pessoa pávula é da terra, é capim, é comum como os outros, mas acha que é um pau-d'arco cheio de flores ou uma castanheira, mais alta do que as outras árvores. Eu me sinto assim fazendo o Pavulagem. Me sinto completamente feliz, realizado e contribuindo para que a nossa cultura e as nossas histórias sejam perpetuadas. Me sinto uma castanheira amplificando essas histórias. Me sinto um pau d'arco cheio de flores recebendo inúmeras mensagens pelas redes sociais dos ouvintes que se conectam com o seu passado, que lembram da avó contando histórias, que ouvem com seus filhos. Me sinto pávulo por poder visitar as comunidades e municípios dos contadores. Que vale ressaltar são uns amores, que oferecem, além das histórias, alimentos, afeto, uma rede para eu passar a noite e até viramos amigos de certa forma.

Fazer o pavulagem é gostoso e me traz alegria. E tem cada história. Numa das viagens a campo, por exemplo, um contador não podia gravar de dia porque ele trabalhava e estava bastante ocupado, então combinamos que a noite era o mais apropriado. Só que a noite o gerador da comunidade ficava ligado até cerca das vinte e três horas e era bem barulhento. Também é o momento que ele tinha para assistir o jornal e as novelas do dia. Marcamos para gravar depois que o gerador de energia fosse desligado. Cheguei pouco antes e quando o gerador elétrico desligou ficou um breu, escuridão total do lado de fora da casa. Na cozinha da residência, sob a luz de uma lamparina, ele começou a me contar histórias, uma melhor que a outra e o tempo foi se passando. Já era mais de uma da manhã quando terminamos e eu morrendo de medo de voltar para casa. Até que não morávamos longe, mas eu estava com as histórias fresquinhas na cabeça e estava muito escuro. Ele foi gentil de ficar com a lanterna iluminando o caminho, enquanto eu corria com todas as minhas forças. Cheguei em casa bem, mas parecia que o coração ia sair pela boca.

Outro caso foi na Reserva Indígena Raposa Serra do Sol, comunidade da Raposa, estado de Roraima onde eu fui apresentado a história do Canaimé que também é conhecido como Rabudo.

Ele é um indígena muito inteligente que passa por vários ritos e usa de seu intelecto e poderes para fazer o mal. Se o Canaimé quiser matar alguém, não tem jeito, em dois dias esse 'alguém' estará mortinho da silva...e as mortes por esse encantado são assustadoras. Segundo o seu Delmiro (2023) "Canaimé é aquele pessoal que mata gente. Eu expliquei pro turista: não tem na cidade, não tem bandido? Tem. A mesma coisa o Canaimé. Canaimé é o bandido dos indígenas".

Depois de ouvir e conhecer a história do Canaimé eu tive que dormir por duas noites sozinho do lado de fora da casa onde me deram abrigo. Agora imagine uma pessoa que ficou com medo. Se já para correr uns poucos metros

para casa eu tive medo, multiplique por cinco quanto a dormir a noite toda do lado de fora. Felizmente, o Canaimé me deixou vivo para contar a história dele.

Além desse medo, também tive medo de não entregar um bom podcast, medo de alguma forma de desrespeitar as nossas histórias ou os nossos contadores, medo do insucesso, mas acho que foi bom sentir medo, isso me deixou mais vigilante, assim como a gente fica a espreita por aí com medo dos encantados.

Mas o sucesso veio, somos o podcast mais ouvido do Norte do Brasil. Em 2022, ficamos no top 10 de melhores novos podcasts do Brasil na plataforma de streaming de podcast e música Spotify. E eu acredito que isso aconteceu porque eu resolvi olhar para trás, para as minhas origens, para a minha ancestralidade. Não precisei buscar fora, já estava em mim, já estava no meu passado, estava no meu povo.

Enfim, fazer esse podcast foi uma verdadeira travessia. Que assim como os nossos rios, foi uma travessia sinuosa, cheia de camadas e significados.

À bordo desse barco imaginário, eu naveguei por vozes, sons e muitos mistérios. Me conectei ao Maickson criança, como numa viagem ao passado.

Mas, ao mesmo tempo, tive a oportunidade de remontar esse passado, com um olhar mais apurado para o futuro.

Eu espero que esse rio de mistérios também possa lhe invadir, de alguma forma. E que, a partir de agora, essas histórias também sejam suas. Para serem perpetuadas, e principalmente, ressignificadas.

Porque mesmo não sabendo quem foi a primeira criatura a contar uma história no mundo, eu sei que há muitas outras que podem recontá-la de outro jeito.

Passando de pai para filha, de tia para sobrinho, de vó para neto, de mãe para filha, de vô para bisneto...

Demarcando territórios

Para Sônia Guajajara (2019), atual Ministra dos Povos Indígenas do Brasil, “um território não é só um pedaço de terra, é tudo de riqueza que há dentro. E sem contar que, pra nós, é essa força da ancestralidade, é o sagrado, é o que nos dá a vida”.

Quando saí do território para ir morar na cidade, o território estava em mim. Eu tinha 17 anos de idade e poucas vezes tinha ido para a cidade. Muitas coisas eram novas para mim. Minha família não tinha casa na zona urbana e precisei morar na residência de pessoas conhecidas.

Por conta da trajetória como liderança e também pelo trabalho como “repórter da floresta” na Rede Mococonga de Comunicação Popular consegui ser aprovado numa Universidade Pública mesmo vindo de um ensino médio não regular.

Em Boim, apenas o Ensino Fundamental é regular. O Ensino Médio é modular. Os professores ministram as aulas de suas disciplinas por módulo, ou seja, o que é dado durante um ano no regular é atropelado durante dias ou meses no modular por blocos de duas ou três disciplinas.

Apesar dessa realidade, passei na Universidade do Estado do Pará – UEPA e na recém criada Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Por conta da localização, que havia a possibilidade de ir a pé da casa de onde eu morava em Santarém e por influência de um professor que tive durante o Ensino Médio optei em fazer Licenciatura em Educação Física na UEPA.

No fim do último ano de graduação faço a prova de um concurso público do Estado do Amazonas. Inicialmente, sem pretensão de vir a assumir caso fosse aprovado. Até porque não tinha intenção de mudar para outro Estado, ficando ainda mais distante da minha comunidade e da minha família.

Termino a graduação e poucos meses depois sai a convocação para assumir como professor estadual na capital amazonense. A Vila de Boim cerca

de duas mil pessoas, Santarém cerca de 300 mil e Manaus mais de 2 milhões de habitantes. Apesar desse grande desafio era a oportunidade de trabalho que tinha e mudei para Manaus.

Sozinho na capital amazonense, longe da família e amigos, num novo local e morando numa metrópole foi muito desafiador. No primeiro ano quase desisti e, felizmente, ainda bem que isso não aconteceu. Todos esses desafios me fizeram conectar com o meu passado, com as minhas origens e com a minha ancestralidade.

Foi em Manaus que decidi realizar o sonho de ser jornalista e onde percebi que as histórias dos seres encantados que eu cresci ouvindo precisavam ganhar o mundo.

Precisei me distanciar, geograficamente falando, de tudo o que eu sou para me conectar com as minhas raízes. Talvez tenha sido a maturidade, a experiência que a vida vai trazendo a cada ano, um olhar crítico, um chamado, muitas podem ser as respostas, mas a certeza é que toda essa trajetória são teceduras que permeiam esse contador de histórias.

Já evidenciei a minha jornada na Rede Mocaranga de Comunicação Popular e o quanto isso foi importante. Além disso, também tive outras experiências que ajudaram a construir toda essa tecedura que me envolve.

Apesar de atualmente não possuir religião, cresci em família católica. Minha mãe é católica bem assídua. Por todo esse contato da minha mãe com a Igreja, eu também tinha uma atuação bem ativa junto a comunidade religiosa.

Fui coroinha por três anos, participei da equipe de liturgia e me envolvi em grupos de jovens fazendo trabalhos voluntários na comunidade. E o trabalho da Igreja Católica na formação de lideranças na Amazônia é bem forte, muitos líderes de movimentos sociais na região transitaram também em movimentos sociais do catolicismo.

Além disso, tinha uma atuação bem frequente na gestão comunitária da vila de Boim. Estranhamente, desde muito jovem gostava de participar de reuniões que aconteciam na comunidade. De início, apenas acompanhava

como ouvinte e conforme os anos foram se passando fui contribuindo na tomada de decisões. Confesso que esse protagonismo era estimulante e me trazia um sentimento de pertencimento e responsabilidade.

Na escola, era presidente de classe e um estudante bem dedicado. Participava de conselho escolar representando a classe estudantil e tinha uma relação amistosa com os docentes.

Esse trabalho de protagonismo juvenil me abriu portas, ao mesmo tempo que me via experimentando outras oportunidades. Uma dessas, foi participar de um reality show na cidade de Amsterdam, na Holanda. Não falava inglês, mas queria viver essa experiência. Fiquei uma semana na casa de um adolescente holandês e ele ficou uma semana no meu lar. Tudo filmado, muito novo, de certa forma, um tanto artificial, porém, foi uma viagem enriquecedora.

Percebo que participar dessas oportunidades era uma busca por quais caminhos trilhar futuramente. Quando já morava na cidade fiz um curso de empreendedorismo através de uma ponte entre o Projeto Saúde e Alegria e a Fundação Telefônica.

Uma das propostas do curso era apresentar o empreendedorismo como uma alternativa de futuro para a juventude indígena e ribeirinha da região. Em consonância a isso, os participantes deveriam apresentar ao final do curso um empreendimento a partir de uma oportunidade ou necessidade local.

Como durante toda a minha vida andei de barco, junto com um amigo, percebi que deveria buscar uma lacuna desse nicho. E percebemos que o transporte hidroviário, ao contrário do rodoviário e aéreo, era totalmente informal, sem informações e vendas digitais. Criamos uma *startup* chamada Embarcar para informativo e venda do transporte hidroviário na Amazônia.

Para muitas cidades da região o transporte hidroviário é o único meio de acesso. E, de acordo com a Agência Nacional de Transporte Aquaviários (ANTAQ) cerca de 13 milhões de pessoas circulam anualmente pelos rios da Amazônia.

Uma demanda necessária e a Embarcar ficou em evidência. No ano de 2016 fui premiado como Jovem Empreendedor Social pela Rede Laureate Brasil e participamos da 1ª temporada do Programa de TV Shark Tank Brasil, do Canal Sony (reprisado pela TV Bandeirantes).



Figura 14 - Participação no Programa Shark Tank Brasil - Fonte: Canal Sony

Em 2017, após um ano, vendi minha participação no empreendimento por acreditar que precisava trilhar novos caminhos. Todavia, trabalhar as competências empreendedoras somado as outras experiências consolidaram em mim uma pessoa mais preparada para enfrentar o mundo e com melhor discernimento de futuro.

Em Manaus, após cursar jornalismo e a partir do Podcast Pavulagem cresceu o engajamento nas redes sociais. As pessoas chegavam ao meu perfil através das histórias dos seres encantados, mas percebi que poderia aproveitar essa visibilidade para abordar outras temáticas que acredito e defendo.

Tenho falado, principalmente, sobre a luta e direito dos povos indígenas e mudanças climáticas e a importância de cuidarmos do nosso planeta.

Conteúdo próprio e conteúdo de publicidade com responsabilidade. Um dos vídeos, em parceria com a Netflix Brasil, possui cerca de 900 mil visualizações.

A partir das redes sociais e do Pavulagem surgem convite para participação em eventos nacionais e internacionais. No ano de 2023, por exemplo, participei de cinco eventos internacionais e a ideia é aproveitar para ocupar esses espaços e levar a nossa Pavulagem, nossos anseios, visões e nossas mensagens ao mundo.

Vou contar a experiência da primeira delas, que fiz em janeiro para Davos, na Suíça. Mostrando minha percepção do glamour e da grandiosidade do Fórum Econômico Mundial, o que vi, senti e pensei.

Com o objetivo de discutir a “Cooperação em um Mundo Fragmentado”, tema deste ano, o fórum reuniu um público de cerca de 2.500 pessoas. Eram chefes de Estado e governo, políticos, executivos, empresários, artistas, cientistas, representantes da sociedade civil e de meios de comunicação, além de líderes juvenis de várias partes do mundo. Eu fazia parte desse último grupo porque integro a comunidade Global Shapers, que selecionou 50 jovens lideranças para participar do encontro. Presente em mais de 450 cidades e 150 países, a Global Shapers é uma rede formada por 14 mil voluntários. Em Davos, representei Manaus, onde sou vice-curador de projetos sociais focados na Amazônia.

Soube que fui selecionado para representar o hub (eixo) de Manaus no dia 2 de novembro de 2022. Para concorrer, além de um formulário por escrito, tinha de mandar um vídeo de 90 segundos em inglês – eu não sei inglês, agora comecei a estudar online com uma professora, mas na época falava pouca coisa. Montei um texto no Google Tradutor e mandei para um amigo fluente no idioma ver se fazia sentido. Ele gravou um áudio, que usei como modelo para treinar. Era uma apresentação sobre a minha trajetória e uma defesa da candidatura. Falei do Pavulagem, da importância do resgate das vozes amazônicas e indígenas e até coloquei legendas em inglês para que entendessem melhor a pronúncia. Nunca alguém da Amazônia havia sido

escolhido. Quando acordei naquele 2 de novembro, a primeira coisa que fiz foi olhar o celular. Que alegria, sim, só que eu não tinha ideia do que fazer.

Conhecia a importância do evento no cenário político, econômico, climático. Sabia que precisava estar ali. Só que a herança do colonizador – e por sermos minoria politicamente sub-representada em nosso país – trouxe aquele pensamento: eu mereço? Vou ocupar a vaga de alguém? Busquei as forças dos meus ancestrais Tupinambá e não deixei nem a síndrome do impostor nem a dificuldade no inglês me impedirem de confirmar a participação. Sempre carreguei a mensagem de que precisamos ocupar os espaços, principalmente os de tomada de decisão. Eu precisava, mais uma vez, levar isso para a prática.

Mas, embora a gente esteja avançando na pauta e na presença indígena em lugares de poder, muitas vezes nossa participação não é vista dessa forma. E mesmo em um evento como Davos – que tem esse potencial de pluralidade e abertura – as pessoas acabam repetindo comportamentos que deveriam estar superados. Um exemplo é agir como se não soubessem que existem indígenas no contexto urbano, que estudam, usam tecnologia, fazem pesquisas. Mostrar estranhamento diante da imagem do indígena que não se encaixa no estereótipo da floresta, da vida em aldeia. É como se nos vissem assim: “Ah, olha, um socialista de iPhone”. Teve uma pessoa que me falou do fone Bluetooth como se estivesse me mostrando um espelho, há 500 anos. Seria interessante se as pessoas estivessem mais dispostas a aprender e a perguntar. A conversar, antes de falar algo precipitado e cometer uma gafe.

O fórum de 2023 lançou um documento chamado “Incorporando o Conhecimento Indígena na Conservação e Restauração de Paisagens”, que traz uma informação óbvia para os povos originários: as terras dos povos indígenas e das comunidades locais cobrem um terço do planeta e 91% estão em boas condições ecológicas. É o testemunho da eficácia do gerenciamento de longo prazo dos povos indígenas na gestão de ambientes naturais complexos. Trazer esse documento em 2023 é tarde, eu acho.

Aqui na Amazônia, garimpo ilegal, desmatamento, grilagem de terras e outros ataques avançam enquanto nós, povos indígenas e moradores da floresta, somos os responsáveis pela conservação da biodiversidade junto com ribeirinhos, quilombolas e outras populações tradicionais. Somos quem mais conserva e cuida. Venho de uma unidade de conservação [Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns], sabemos tirar da natureza só para consumo. Se os não indígenas tivessem aprendido com a gente, o mundo talvez estivesse melhor.

Foi esse o meu propósito em Davos: eu tinha que saber me mover e usar os espaços, meu lugar de fala, para levar a mensagem de que, para defender a Amazônia, tem que defender quem vive nela. E a gente pode passar a mensagem de diversas formas. A moda é uma delas. Com apoio de amigos consegui uma parceria com o estilista indígena Sioduhi para vestir sua nova coleção ManioQueen e mostrar minha identidade através dos lindos tecidos tingidos à base da casca da mandioca.

Aliás, falando em mandioca, confesso que o que mais senti falta nos seis dias em que estive em Davos foi a farinha, nossa amarelinha, companheira de todas as refeições e que durante os meus 30 anos de existência sempre esteve comigo. Os almoços no evento eram corridos, disputados, servidos em cumбуquinhas que acabavam logo porque as porções eram pequenas, comidas às pressas e sem muita conversa, entre um compromisso e outro. A gente não é acostumado a isso e, embora conheça fast-food e goste de hambúrguer, prefere comida de verdade, substância, bons peixes, arroz, frutas e farinha e principalmente parar para comer com calma, conversar e ter um momento.

A refeição mais tranquila e demorada no fórum era o jantar, mas no resto do tempo o que se tinha eram lanches rápidos, pães, doces, cachorro-quente e suco artificial. Nessas horas percebemos quanto somos ricos. Ah, um bom suco natural de cupuaçu, acerola, manga, taperebá. Nossa cozinha é de dar inveja. Olha, para não dizer que não tinha frutas por lá, tinha bastante maçã. E

algumas peras. Posso dizer que não me alimentei muito bem, porque comer fora era caro e o resto do tempo era assim. Corrido.

O Fórum Econômico Mundial tinha um espaço interno fechado, sob forte aparato de segurança, e só dava para entrar com credencial. Do lado de fora, grandes empresas, governos e organizações do setor público alugavam espaços e ofereciam uma programação própria. Eu circulava nos dois ambientes. Acostumado aos 35 graus Celsius do Amazonas, porém, a temperatura média de 12 graus Celsius negativos nas ruas de Davos foi decisiva para me fazer preferir eventos oficiais – não sem antes realizar o sonho de infância de conhecer a neve, que é linda. Quase caí, porque fica escorregadio e dá a maior canseira. Senti o frio na pele e durante alguns dias sofri com uma alergia – foi uma pena não ter levado andiroba, que, aprendi com minha mãe, serve para tudo.

Eu me aproximei de personalidades que só vejo em redes sociais ou pela televisão. Estive a poucos metros da Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, esbarrei no António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas, e pude papear com Marina Silva, ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Na conversa, coloquei a mensagem de que os grupos de juventude da comunidade brasileira Global Shapers estão à disposição e querem dialogar com o ministério, para que possamos avançar nas pautas ambientais, principalmente na Amazônia Legal. Ela foi super simpática, passou o contato de sua equipe e ainda elogiou a minha roupa. Vi uma Marina gente da gente e disposta ao diálogo.

Fui rapidamente apresentado a Helder Barbalho, governador do Pará, meu estado natal. Escutei Eduardo Bartolomeo, presidente da mineradora Vale, falar da Floresta Nacional dos Carajás. E posso dizer que Luciano Huck, apresentador da Rede Globo, pediu uma foto comigo. Percebi uma atmosfera de “iguais” e acho que algumas pessoas pensavam assim: “Esse curumim tá por aqui, deve ser importante. Vamos ouvi-lo”. Me senti um verdadeiro pávulo.

Compartilhar esses espaços ensina que é possível – e muitas vezes necessário – estar à mesa com quem pensa diferente. Fiquei pensando nisso: como lidar com situações em que vou encontrar pessoas que apoiaram ou apoiam algo que eu sou totalmente contra? Acredito que, às vezes, como liderança, será preciso estar lá no diálogo e no respeito.

Como liderança indígena e da Amazônia, fui convidado a participar de dois painéis. Na parte aberta ao público o tema foi “Prosperidade Planetária”. Conteí da realidade que vivo na Amazônia, do trabalho que faço de resgate e preservação da cultura oral ribeirinha e indígena na região e, ainda, da importância de olhar para a população local. É preciso fomento, políticas públicas e melhorias para que quem vive na floresta tenha boas condições de vida e, como consequência, continue protegendo a biodiversidade.

Na agenda oficial, estive em um jantar com indígenas do Equador, dos Estados Unidos e do Canadá e líderes religiosos. Assunto: “Guardiões do Planeta”. Quando mandaram a programação, pareceu estranha essa composição, porque normalmente temos divergências sobre crenças e modos de vida e um histórico de eles quererem nos converter. Mas deu certo. A condução foi de Ilona Szabó, do Instituto Igarapé. Não preparei nada, porque naquela noite queria falar com o coração. Conteí do tempo em que não me enxergava como indígena, não porque não fosse, mas porque eu não tinha consciência de que era. Muitas pessoas na Amazônia, motivadas por todo um processo de apagamento de nossas raízes e identidades, são levadas a não se reconhecerem indígenas, a se identificarem como “morenas”, “pardas”, e assim procuram se afastar de algum estereótipo negativo associado aos indígenas.

Falei do orgulho e da honra que sinto hoje ao me reconhecer indígena e do meu propósito de usar a comunicação para tratar do meu povo, de nossos conhecimentos e saberes. Terminei pedindo apoio para quem vive na Amazônia, a causa indígena, a floresta e para deixarmos um mundo melhor às futuras gerações.



Figura 15 - Participação em painel durante o Fórum Econômico Mundial - Fonte: WEF

Davos existiu na minha experiência, também, para eu me conectar com a comunidade brasileira, participar de sessões da área de clima e natureza e de debates sobre Brasil, América Latina e povos indígenas. É importante ocupar os espaços – e eu ocupei. Apesar de haver intérpretes nos painéis em que estive, confesso que fiquei com vontade de falar mais, porque tenho mais histórias para contar. Só que, nos corredores, em outros eventos e conversas paralelas, eu me virei como pude e tive a tecnologia a meu favor: usei o aplicativo de tradução simultânea do celular. Voltei para o Brasil com a missão de aprimorar o inglês para que eu possa ter minha voz alcançando mais espaços. Tenho muito o que falar e quero poder mostrar nossa cultura, nossos saberes, anseios e angústias para o mundo.

Acredito que o evento de Davos é importante, mas vejo que pode ser mais bem aproveitado. Um dos pontos é diminuir o número de sessões e criar diálogos mais profundos e que reflitam melhor a realidade que vivemos. Vejo como essencial a participação indígena, mas precisamos de escutas reais e medidas assertivas e urgentes em relação ao clima e à natureza.

Em março de 2023 o Pavulagem foi para Harvard e MIT, que figuram dentre as maiores universidades do mundo, em Boston, Estados Unidos da América. Dessa vez, fui como representante da Região Norte do Brasil falando sobre o impacto social e cultural que o resgate e amplificação das histórias dos seres encantados traz para a região, para o país e para os povos tradicionais da Amazônia.

No mês de maio de 2023 o Pavulagem desembarcou em Berlim, na Alemanha para participar do evento Global Solutions Summit que acontece todo ano na capital alemã e apresenta possíveis soluções para os problemas mundiais. Nesse evento estava como liderança indígena e amazônida falando sobre a luta dos povos indígenas no Brasil e o quanto o mundo precisa aprender com os indígenas a como cuidar do planeta.

Em setembro de 2023, o Pavulagem retornou aos Estados Unidos da América, mas dessa vez na cidade de Nova York para participar da Semana do Clima da Organização das Nações Unidas (ONU). Como membro da caravana Vem do Norte (VDN), uma rede de influenciadores/líderes do Norte do Brasil a mensagem foi levar visibilidade para a região e para os seus talentos, além de fomentar a luta pelo clima na Amazônia a partir de quem vive na Amazônia.

Encerrei a participação internacional de eventos em 2023, no mês de novembro e dezembro em Davos, nos Emirados Árabes Unidos. Ali, eu estava como jornalista para fazer a cobertura da 28ª Conferência do Clima da ONU. Fui com outros nove comunicadores populares da Amazônia (alguns jornalistas de formação, outros não). Fui selecionado após participar de um curso de jornalismo ambiental e o objetivo era fazer com que mais profissionais

da região falem sobre pautas climáticas, além de levarem essa temática de uma maneira mais simplificada para as nossas audiências.

Putava: o nosso jeito de “devolver” as conquistas com “os nossos”

Para nós, povos da floresta, é muito natural o compromisso de todos com a coletividade. É algo tão natural que parece que já nascemos assim. Se um pescador, num dia de pesca com fartura, consegue pegar duas dúzias de peixes e somente uma dúzia é suficiente para sua família, o excedente é doado para a família vizinha ou para quem está mais com necessidade.

A isso chamamos de putava. Há quem conheça por putáua. No dicionário Papa Xibé do Baixo Amazonas (2011), putáua é uma palavra com origem provavelmente no Tupi muito antiga na região do baixo Rio Tapajós. O Padre João Felipe Bettendorff escreveu que os indígenas Tapajó o presentearam nos anos 1660 com putabas. Hoje putáua significa o costume de uma pessoa ou família doar um pouco de alimento (geralmente carne ou peixe) a outra família, que lhe retribui, na hora ou mais tarde, com outra porção de alimentos. Putáua, literalmente, é aquilo que se dá, um presente, que carrega consigo a obrigação da retribuição. Cada pessoa que recebe uma putáua sente que deve retribuir o gesto. No fim, é uma rede de troca de presentes que muito contribui para a distribuição geral de alimentos na comunidade, evitando o acúmulo em algumas casas e a escassez em outras. Por isso, em uma aldeia indígena ou comunidade rural raramente alguém passa fome, pois as pessoas compartilham entre si a alimentação.

É delicioso comer um tucunaré, porém é muito mais prazeroso quando o meu par come também. E, às vezes, um vizinho chega em casa após uma caçada com uma anta mas, não possui farinha. Na putava ele oferta a anta e recebe a farinha como agradecimento, todavia, não faz porque lhe falta algo, faz porque é natural, aprendeu assim e vai continuar transmitindo para seus descendentes.

Essa reciprocidade, o ato da putava também é visto em outras atividades e recebe outros nomes. Um deles é o puxirum que significa o trabalho coletivo tradicional, aquele em que as pessoas trocam dias de serviço na roça ou a limpeza de caminhos. Mas, puxirum é mais do que trocar dias de trabalho, é trabalhar junto em um clima de festa e alegria. É um trabalho baseado na reciprocidade, na troca, no rodízio entre as famílias, de forma que numa pequena aldeia ou comunidade cada um ajuda todos os outros e todos ajudam um. As pessoas sentem que devem moralmente ajudar o outro o tempo todo. Em alguns locais, essa tradição é chamada de ajuri, outro termo de origem indígena. Puxirum, segundo o dicionário Papa Xibé do Baixo Amazonas (2011) vem do Tupi, onde as formas mais antigas eram potirõ ou motirõ. Daí vieram as palavras puxirum e mutirão que possuem o mesmo sentido.

Nesses momentos de coletividade parece que tudo é muito mais intenso. O dia do plantio da roça parece menos cansativo que o habitual porque o seu amigo também está ali porque a família dele foi participar do puxirum. E no dia do plantio na roça dele você também estará ajudando junto com sua família. Além do plantio e colheita na roça, nos serviços comunitários de limpeza, outro momento que o puxirum é visto é na troca da cobertura das casas de palha. Normalmente, se apenas a família que mora na residência atuasse no trabalho levaria muitas horas de trabalho estendendo a jornada ao longo do dia, o que implica enfrentar altas temperaturas do sol amazônico. No Puxirum, enquanto as palhas novas tecidas vão protegendo a casa há muitas risadas, brincadeiras, estórias e histórias contadas. Ao final, há um grande almoço oferecido pela família anfitriã como uma espécie de agradecimento pelo trabalho de cada um que se fez presente.

"Um por todos, todos por um" além do tema de "Os três mosqueteiros" é o puxirum amazônico. Fico me perguntando se Alexandre Dumas passou pela amazônia e teve como inspiração o bem viver indígena. Muitas comunidades amazônicas passam e passaram por momentos de crise porque vêm perdendo essas práticas que costumo chamar de tecnologia ancestral.

Algumas delas, por outro lado, têm buscado retornar a esse bem viver pois perceberam que isso é de grande valia para a comum unidade.

Embebido desse sentimento de putava, é normal que cada pessoa agraciada, afortunada, partilhe com seus pares, com 'os seus' tudo aquilo que vêm recebendo externamente e que vá alimentá-los de certa forma. Alimentar novos sonhos, novas oportunidades, porque de nada adianta que um cresça se os que estão à sua volta não cresçam também.

Mas, essa putava imaterial é desafiadora. Como alimentar novos sonhos? Como fazer os olhos dos seus pares brilharem? Como mostrar que determinados espaços também podem ser seus espaços? Infelizmente, não é uma ciência exata com fórmulas que podem ter respostas exatas.

A resposta pode estar no diálogo, no exemplo, em pequenos detalhes, entretanto, só há como descobrir ao longo do processo, da caminhada, da tecedura com o outro.

E, mesmo que de forma indireta, carregamos responsabilidades. Há um certo chamado, costume dizer que é sabedoria ancestral, para que continuemos abrindo portas para os que vêm depois de nós.

Numa das conversas que tive com o contador de histórias e escritor Tiago Hakiy ele compartilhou uma conversa que teve com Daniel Munduruku. Numa feira de livros, Tiago presenteou Daniel com um livro de poesias chamado *Águas do Andirá* e sucedeu o seguinte: “Dei de presente esse livro a ele e eu falei que era do povo maué. Ele perguntou de mim assim: você está contando a história do seu povo? Eu disse que não e ele falou pra mim, eu lembro muito bem: você precisa contar as suas histórias, nós precisamos contar as nossas histórias, porque se nós não contarmos as nossas histórias o apagamento cultural vai continuar acontecendo”. A partir desse diálogo, Tiago levantou a bandeira da literatura indígena.

E nesse movimento de acolhida e fazer com que os nossos alcancem determinados lugares que por muito tempo nos foi negado, já temos vistos parentes em espaços que antes não víamos. Daniel Munduruku, por exemplo,

do povo Munduruku, do Pará reconhecido escritor da literatura indígena com mais de 60 livros publicados participou como ator na novela *Renascer em horário nobre* na maior emissora de tv do país. Além de Daniel, teve outros indígenas como o indígena Mapu Huni Kuĩ do povo Huni Kuĩ ou Kaxinawá do Acre. O núcleo indígena da novela tinha um papel de destaque, não eram somente figurantes.

No Congresso Nacional, em 1987 Mário Juruna deixava o Congresso Nacional após ser o primeiro indígena deputado eleito ao Congresso Nacional. Trinta e um anos depois, Joênia Wapichana era eleita como primeira mulher indígena deputada a ocupar um cargo no legislativo brasileiro. Na última eleição foram cinco indígenas eleitos, quatro mulheres dentre elas Célia Xakriabá e Sônia Guajajara. Joênia Wapichana, infelizmente, não foi reeleita e assume atualmente a presidência da Fundação Nacional dos Povos Indígenas – FUNAI.

“Nós não queremos ser somente eleitores. Também temos condições de sermos votados e vamos fazer daquele Salão Verde um reflorestar da política com as nossas ideias e a nossa presença.

“Eles decidiram que era esse lugar para nós e nós decidimos passar com o nosso cocar. [Agora], é abrir caminho, porque junto conosco, eu quero que venham muitas outras”. (XAKRIABÁ, 2020, texto online).

“Abrir caminhos porque junto conosco eu quero que venham muitas outras” é importante porque fortalece o movimento e a luta por direitos. A ‘bancada do cocar’, por exemplo, como é chamada os representantes dos povos indígenas no Congresso Nacional pode ter mais força com mais parlamentares eleitos.

E esse caminhar e fortalecer para que os parentes estejam também em determinados espaços se estende também para outras áreas. Na área da comunicação em 2023 foi criada a Associação Brasileira de Indígenas

Jornalistas com o anseio de aproximar e fortalecer a relação entre os indígenas jornalistas do país.

Muito embora esse movimento tenha surgido, possivelmente, de forma espontânea e a partir de sabedoria ancestral, agora isso faz parte de “um conjunto de estratégias e ações que as comunidades, organizações e os povos indígenas, desenvolvem de forma minimamente articulada em defesa de seus direitos e deveres coletivos”. (BANIWA, 2007, p. 128)

Um dos principais desafios que os povos indígenas e as suas organizações vem buscando superar é o racismo da ausência. Uma ideia equivocada de que lugar de indígena é somente na aldeia ou em espaços de artesanato.

E para combater esses estereótipos é preciso de políticas que fortaleçam o pensamento crítico dos povos indígenas para que todos tenham consciência de que seus lugares é onde queiram estar.

No Rio Negro, tradicionalmente, as mulheres indígenas cuidam das casas, das crianças, da roça e da alimentação da família. “As decisões políticas sempre foram atribuição dos homens. Após vários anos de luta, as mulheres passaram a ocupar espaço nas escolas e universidades, assumir postos de liderança em suas comunidades e criar suas próprias associações representativas” (BANIWA, Dadá, 2023). Hoje, muitas dessas mulheres desenvolvem cadeias produtivas através da Pimenta Baniwa que tem o selo da rede Origens Brasil, promovendo autonomia financeira, e, ainda, alimenta a autoestima e mostra que o lugar de mulher indígena é onde ela quiser.

E essas tais proibições culturais vistas na sociedade indígena e que nos últimos anos tem sido combatida, na visão de Guajajara (2021) podem ser herança do colonialismo.

As lideranças indígenas femininas sempre existiram. Ainda que algumas culturas não permitissem a participação das mulheres nos espaços de decisão, a gente sempre teve esse papel dentro das aldeias. Sempre orientou as

decisões e participação de nossas lutas. Em dado momento, a gente entendeu que essas ditas proibições culturais, que impediam a participação das mulheres, não passavam de uma herança do colonialismo. (GUAJAJARA, 2021, p. 01).

E as heranças do colonialismo não querem que nossas presenças estejam em determinados espaços, mas a luta dos povos indígenas é muito mais forte pois antes do Brasil da Coroa, já existia o Brasil do Cocar.

Consciência crítica se faz com políticas, com educação e comunicação. Na minha vida, possivelmente, sem comunicação e educação teria um rumo totalmente diferente. Saliento pensar que apenas numa geração a educação tem mudado radicalmente o futuro da minha família e de muitos outros amigos que vieram de uma realidade de vulnerabilidades do ponto de vista socioeconômico.

E se a minha mãe ou a minha avó tivessem estudado? Quão forte é o poder da educação em transformar vidas. E por muito tempo, famílias ribeirinhas e indígenas tiveram esse direito negado, muitas delas ainda têm até hoje.

Percebi que a minha Pavulagem só foi percebida quando eu já tinha uma trajetória na educomunicação. Não foi por acaso e nem de uma hora para outra. Foi um processo, mas um processo com intencionalidade. E quando falo intencionalidade não de minha parte, não uma intencionalidade consciente, mas a certeza que investir na educação e na comunicação era garantia de retorno. Não sabia ao certo o que viria e em que proporções, mas teria retornos positivos. Uma semente que foi plantada e que um dia daria frutos.

No início desse trabalho é apresentado o significado de Pavulagem que é alguém que conta grandeza, que se acha o maior. Logicamente, que uma pessoa que conta mentiras não é algo positivo, mas a pavulagem nesse sentido serve para podar muitos comportamentos que destoam do que se espera de nós.

Somos criados ou aprendemos muito cedo a sermos comedidos, a subserviência, ao "sim, senhor", "não, senhora", a sempre pedirmos desculpas, tem uma frase bastante emblemática que sempre fez parte de minha vida mesmo eu não querendo usá-la: "desculpas por qualquer coisa". Muitas vezes, nem tem pelo que se desculpar, porém, vai que tenha feito algo e nem tenha percebido.

Esse olhar de ser capim, mas se achar um pau d'arco florido nem sempre foi assim. Antes de ter essa percepção, vem algo de que me envergonho hoje. Por alguns anos, tive vergonha das minhas origens. Vergonha de ser do sítio, ser ribeirinho, ser indígena, ser do interior, todos esses nomes a quem não é da zona urbana da sede do município.

Muitas vezes, nos é ensinado - mesmo que de uma forma não tão clara – que estamos numa posição de inferioridade em relação às pessoas que vivem na cidade. E isso, na época da minha infância e adolescência era muito mais evidente.

Apesar de amar a vida de comunidade ribeirinha, de amar ouvir as histórias dos seres encantados eu queria ter acesso a energia elétrica 24 horas, poder assistir TV quando quisesse, ir ao cinema e outros bens e serviços que são encontrados nas cidades. E não tem nada de errado de querer todas essas coisas, mas é importante ter orgulho de nossas origens, do nosso território, do nosso sangue e de nossas raízes. E, geralmente, essa negação não é tão velada, as vezes nem percebemos, ou ela está ali nas pequenas coisas, por exemplo quando não nos sentimos confortáveis numa roda de conversa entre colegas.

Minha mãe, quando menina, foi levada para a cidade para trabalhar em "casa de família". Como se a casa que ela morasse não fosse casa de família. Ali, enfrentou uma vida de privações de liberdade, privações do direito de estudar, sofreu abuso sexual, maus tratos e grandes jornadas de trabalho doméstico. Tudo isso nas "casas de família".

Hoje, começo a perceber as inúmeras vezes que eu silencieei, que eu deixei de usar tal vestimenta ou calçado com medo de ser chamado de pávulo, com receio de querer ser diferente ou chamar atenção demasiadamente.

A escola e universidade têm sido historicamente um espaço de reprodução de um modo de ser e de uma cultura hegemônica, dentro do projeto homogeneizante do Estado Nacional. Por isso muitos indígenas se esforçam para colocar seu filhos na escola para "aprender ser gente", e ser gente, de certa maneira é: ser civilizado conforma padrão europeu brasileiro. Falar corretamente português, ser cristão, ter uma etiqueta urbana etc (VAZ FILHO, 2019).

E esse cerceamento é muito mais doído quando causado entre nossos próprios pares. Mas, quem nos ensinou isso? O "para com a tua pavulagem" vem carregado de barreiras, do tipo "você só pode ir até aqui".

Possivelmente devido a sua criação, minha mãe por muitos anos "limitava" os meus sonhos mesmo que de forma involuntária. Ela evitava ao máximo participar de reuniões comunitárias e demais eventos sociais porque a sua única preocupação era com os trabalhos domésticos, em deixar tudo impecavelmente limpo e organizado. Ao longo dos anos, pelas "casas de família" onde havia trabalhado, aprendeu dessa forma, sem voz, somente a obedecer e trabalhar.

Apesar de ajudar nos trabalhos domésticos e nos demais serviços, não queria fazer apenas aquilo. Eu gostava de participar das reuniões comunitárias, da vida na Igreja, dos projetos sociais, de ficar por dentro do que estava acontecendo. Algumas vezes, ia para as reuniões mesmo sem a presença de algum adulto. Uma delas que me marcou bastante era para dizimistas da Igreja Católica. Eu não era dizimista mas minha mãe era. Um dos dirigentes da reunião perguntou quais eram o primeiro e o último livro da Bíblia. Ficou o mais completo silêncio e como eu sabia a resposta, respondi. Na frente de cerca de cem pessoas, o líder religioso reprovou minha atitude respondendo

que a pergunta era apenas para dizimistas. Apesar dele estar correto, a forma ríspida no tratamento na frente do salão lotado me violentou de diversas formas.

Foi tão marcante, que mesmo após muitos anos ainda me emociona lembrar desse momento. Me senti exposto, vulnerável e, de certa forma, culpado por aquilo ter acontecido. Silenciei por um tempo, me afastei das reuniões e da vida social. Sofrer violência de alguém de fora machuca, mas numa dosagem menor ou de uma forma diferente. Por outro lado, sofrer violência de um de nossos pares, de alguém que você vê como líder, machuca muito mais. Ele te conhece, sabe de sua trajetória e mesmo assim te fere.

Hoje, percebo que o líder religioso também foi vítima. Apenas reproduziu uma das inúmeras violências que deve ter sofrido. Não o culpo, mas sim essa cultura quem tenta nos calar, nos invisibilizar, nos fazendo acreditar que merecemos menos, que somos menores e muitas outras formas de inferiorização.

Felizmente, estamos noutro momento. Logicamente, muitas pessoas ainda não se veem libertas dessas amarras, mas, há muitas outras que conseguiram a liberdade de serem como querem ser. Para nós, povos indígenas nos espelhamos muito na luta da comunidade negra no Brasil. É muito importante ver o empoderamento dos pretos e pretas no país.

Esse empoderamento é visto no orgulho de ser preto, nas roupas, na música, no cabelo, no empreendedorismo e nas mais diversas formas. Isso tudo acontecendo mesmo em tempos que o racismo ainda se faz presente, infelizmente. Na comunidade indígena, mesmo que de maneira tímida, é perceptível um movimento semelhante. De acordo com os dados do último censo realizado pelo IBGE de 2022, a população indígena brasileira é de um milhão e 693 mil pessoas. Um crescimento de 88% em relação ao censo de doze anos atrás, em 2010. Isso se dá porque as pessoas estão passando a ter orgulho de serem indígenas, sem medo ou vergonha de responderem um questionário do Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou a tecnologia ancestral do contar histórias de encantarias, uma prática que atravessa gerações na Amazônia e que como todo processo de registro somente através da oralidade se não tiver continuidade na transmissão pode vir a ser perdido. Ao mesmo tempo, foi baseado na trajetória de um ouvinte que se torna contador de histórias e passa a amplificar essas histórias com a ajuda das tecnologias digitais e da comunicação.

Percebe-se que contar histórias dos encantarias é um ato de resistência, é arte, é cultura, é transmissão de saberes e ensinamentos, é entretenimento e, sobretudo, crença nos encantados. Para o povo floresta os encantados não é irreal, é tão real que sentem medo e respeitam veementemente.

Os contadores de histórias indígenas e ribeirinhos são os verdadeiros protagonistas dessas narrativas, vivem no cotidiano esse encantamento e têm a essência de suas comunidades e a voz de seus ancestrais.

Em paralelo, quando se valoriza os contadores de histórias locais e os percebe enquanto protagonistas, estes assumem o papel de guardiões de uma memória coletiva, garantindo com que essa prática cultural tenha longevidade.

Neste trabalho, apresentou-se a importância do registro e perpetuação da prática de contação de histórias na Amazônia que é considerado uma tecnologia ancestral, mas que foi preciso da combinação de uma tecnologia digital: o podcast.

Há um ditado no meio da comunicação que há a mídia certa para cada história. No caso as histórias dos encantados são transmitidas pela oralidade e não teria mídia melhor para retratar essas histórias como o podcast. Além de

que essa mídia aproxima a ambientação tradicional do contar histórias na floresta.

Mas, além da mídia certa para a história certa, há de ressaltar a importância do contador certo para amplificar essas histórias. Aquele que vive, conhece e respeita essa herança recebida de seus ancestrais, tem lugar de fala e, portanto, é um dos melhores porta-vozes. Isso, além de ser observado por pessoas de fora da região, também é dito pelos próprios contadores que reconhecem a diferença de contar para alguém de fora e contar para um dos seus.

A história do contador, do encantado como ele próprio diz, aqui trazida mostra a importância de uma trajetória direcionada para a comunicação, fazendo uso dessas ferramentas comunicacionais, de competências empreendedoras e que quando um trabalho é bem feito, as consequências vêm, independente do tamanho delas. No caso aqui apresentado, os resultados obtidos abriram muitas portas, literalmente.

As experiências pessoais do autor dialogam com a interação com os contadores de histórias indígenas e ribeirinhos em seus próprios territórios, permitindo uma abordagem profunda e abrangente sobre a temática em questão.

Apresentar o fazer do Podcast Pavulagem ressalta questões que eram do conhecimento apenas de quem viveu a situação e, isso é importante porque pode contribuir para desmistificar possíveis visões estereotipadas sobre as histórias de encantarias, além de mostrar a prática ancestral de contar histórias como elas, de fato, são.

É desafiador fazer um trabalho do tamanho do Pavulagem, há barreiras econômicas, de logística e, ainda, a pouca visibilidade do trabalho realizado por talentos nortistas. Apesar da internet ter contribuído na quebra de algumas dessas barreiras, mas elas ainda existem.

Diante dos fatos apresentados, este trabalho contribui para a valorização da cultura de contação de histórias na Amazônia, dos seres

encantados e do contador de história, destacando a importância destes para a preservação cultural da Amazônia. Tudo isso faz parte da vivência e da crença de muitos ribeirinhos e indígenas da região e entender isso possibilita esforços para manutenção de uma memória viva, coletiva e ancestral.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. J. C.S. **A simbolização do imaginário amazônico nas narrativas orais e nas rezas dos curandeiros do vale do Juruá.** Revista boitatá, londrina, n. 14, p. 105- 126, ago-dez 2012.

BANIWA, Gersem. **Movimentos e políticas indígenas no Brasil contemporâneo.** Tellus, ano 7, n. 12, p. 127-146, Campo Grande, 2007.

CAMARGO, Cynthia. **Sociedade e natureza nas ondas no rádio na Amazônia: representações e significados.** Londrina, 2005.

CAMPBELL, J. **Os primeiros contadores de histórias. história & antropologia, 2005.** disponível em: <http://www.botucatu.sp.gov.br/eventos/2007/conthistorias/artigos/osprimeiroscontadorestextos.pdf>. acesso em: 03 de jun. 2021.

DIEGUES, A. C; ARRUDA, R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente (MMA)/Núcleo de Pesquisas Sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas do Brasil (NUPAUB), 2001, p. 87-88.

DURAND, G. **Campos do imaginário.** Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.1997

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio.** Editora Peirópolis, 1998.

KARAM, F. J. C. **Jornalismo, ética e liberdade.** São Paulo: Summus.

KRENAK, Ailton. **Paisagens, territórios e pressão colonial.** Espaço Ameríndio, v. 9, n. 3. p. 327, 2015.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.** Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 17a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LE GOFF, J. **O imaginário medieval.** Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

MATHEUS, L. C. **Comunicação, tempo, história: tecendo cotidiano em fios jornalísticos**. Rio de Janeiro: Mauad X; Faperj, 2010.

MONTENEGRO, A. T. **História oral, desigualdades e diferenças**. Editora da UFPE; e UFSC, Recife: 2012.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: os problemas dos lugares**. In: **o lugar de memória**. Editions Gallimard, 1984.

OLIVEIRA, J. A.; KRÜGER, M. F. A. **Filosofia da educação**. In: **mitos, ciências e educação**. Manaus: UEA, 2010. (série pedagogia intercultural, 2). 120 propp, wladimir i. As raízes históricas do conto maravilhoso.

PAES LOUREIRO, J. J. **Cultura Amazônica - Uma Poética do Imaginário**. Manaus: Editora Valer, 2015.

PALACIOS, M. Convergência e Memória: Jornalismo, Contexto e História. In: Matrizes, 2009, Ano 4 – Nº 1 Jul./Dez. 2010 - São Paulo, P. 37-50.

PRIMO, Alex. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-23, julho/dezembro, 2005.

REYZÁBAL, M. V. **A Comunicação oral e sua didática**. Trad. Waldo Mermelstein. Ed. Universidade Do Sagrado Coração, Bauru/Sp: Edusc, 1999.

SABOIA, C. B. **Narrativas Oraís na Comunidade Julião**. Dissertação De Mestrado. Programa De Pós-Graduação Em Letras E Artes Da Universidade Do Estado Do Amazonas– Uea, 2016.

SILVA, A. P. da.; **Contação de Histórias e Podcast: Tradição e Modernidade em prol da Literatura Infantil e da Formação de Leitores**. Revista Humanidades E Inovação V.7,N.22 – 2020.

SILVEIRA, Flávio. **As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens. Estudo da memória coletiva dos contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

VAZ, F. A.; CARVALHO, L. G. de. **Isso Tudo é Encantado**. Santarém: Ufopa, 2013.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **A emergência étnica de povos indígenas no Baixo Rio Tapajós, Amazônia**. Tese. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Programa de PósGraduação em Ciências Sociais (PPGCS), 2010.

_____. **O nativo revestido com as armas da Antropologia**. Revista do PPGCS, UFRB, Novos Olhares Sociais. Vol. 2, n. 1, 2019.

VANSINA. J. **A Tradição Oral E Sua Metodologia**. In: Unesco. África, I; Metodologia E Pré-História Da África. 2.Ed. Brasília: Unesco, 2010.

VERSIANI, Daniela. **Autoetnografia: uma alternativa conceitual**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 37, nº 4, dezembro, 2002.

WAKE, Creators. **Censo dos Criadores do Brasil**. O Retrato do Criador Brasileiro, 2023.

Pesquisa de Campo – Bibliografia da Floresta

ALBUQUERQUE, Fátima. Podcast Pavulagem: Episódio 07 – Jurupari, o demônio da Floresta. Spotify, 2022.

BANIWA, Dadá. Entrevista na rede social da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN. Acesso em 02/2024. Disponível em: <https://fb.watch/tWzTXSzdbJ/>

CARDOSO, Oneide. Entrevista. [02/2023]. Entrevistador, Maickson Serrão. Aveiro-PA, 2023. Entrevista concedida para esta pesquisa.

COHEN, Elísio Éden. Momentos Históricos da vila de Boim e seu distrito. Santarém, Editora Independente, 2012.

CHAVES, Margareth. Entrevista. [03/2023]. Entrevistador, Maickson Serrão. Santarém-PA, 2023. Entrevista concedida para esta pesquisa.

FELITTI, Chico. Uma história bem contada para de pé. Entrevistado por Amanda Schnaider. 2023. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/chico-felitti-entrevista> Acesso em: 02/02/2024.

GUAJAJARA, Sônia. A gente vai pra luta, porque a terra chama. Entrevista para Revista Amazonas, 2019. Acesso em 02/02/2024. Disponível em: <https://www.revistaamazonas.com/2019/03/13/a-gente-vai-pra-luta-porque-a-terra-chama-entrevista-com-sonia-quajajara-lideranca-feminina-indigena-brasileira/>

_____. Presença feminina em espaços de poder. Entrevistas para Brasil de Direitos. 2019. Acesso em 02/024. Disponível em:

<https://www.brasildedireitos.org.br/atualidades/presena-feminina-em-espaos-de-poder-ser-foco-da-marcha-de-mulheres-indgenas-diz-sonia-guajajara>

HAKIY, Thiago. Entrevista. [02/2024]. Entrevistador, Maickson Serrão. Manaus-AM, 2024. Entrevista concedida para esta pesquisa.

MACUXI, Delmiro. Podcast Pavulagem: Episódio 10, segunda temporada – Canaimé: a próxima vítima pode ser você. Spotify, 2023.

MOREIRA, João. Entrevista. [12/2022]. Entrevistador, Maickson Serrão. Santarém-PA, 2022. Entrevista concedida para esta pesquisa.

OLIVEIRA, Nazareno. Entrevista. [02/2023]. Entrevistador, Maickson Serrão. Santarém-PA, 2023. Entrevista concedida para esta pesquisa.

OLIVEIRA, Francisco de Assis. Entrevista. [09/2023]. Entrevistador, Maickson Serrão. Tefé-AM, 2023. Entrevista concedida para esta pesquisa.

RAMOS, Tiago. Podcast Pavulagem: Episódio 01 – Curupira, Mãe da Mata. Spotify, 2022.

SENA, Edilberto. Entrevista. [02/2023] Entrevistador, Isabelle Maciel, Tapajós de Fato. <https://encurtador.com.br/pCEkY>

SILVA, Darcy. Entrevista. [02/2023]. Entrevistador, Maickson Serrão. Aveiro-PA, 2023. Entrevista concedida para esta pesquisa.

SOARES, Cosme. Entrevista. [12/2022]. Entrevistador, Maickson Serrão. Santarém-PA, 2022. Entrevista concedida para esta pesquisa.

VAZ, F. A. Dicionário Papa-Xibé do Baixo Amazonas. Santarém: Editora Independente, 2011.

XAKRIABA, Célia (@celiaxakriaba). 2020. "22 de Abril". X, 22/04/2020, 10:43 <https://x.com/celiaxakriaba/status/1649786014808809472>.